

mário souto maior

brasil portugal

- aquele abraço



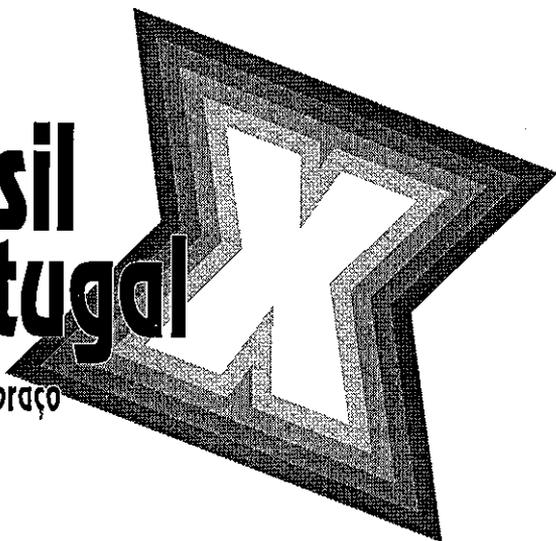
www.soutomaior.eti.br
Mário Souto Maior Web

20-20

COMUNICAÇÃO
EDITORA

brasil portugal

- aquele abraço



Para
fome,
com o acunço de
mãos
1995

Souto Maior, Mário, 1920-

Brasil x Portugal: aquele abraço/Mário Souto Maior;
prefácio de Fernando Gonçalves. - Recife: 20-20 Comunicação
e Editora, 1995.

100p.

Inclui Bibliografia

1. FOLCLORE - BRASIL - ANEDOTAS.

I. TÍTULO

CDU 398.2

mário soto maior

da Fundação Joaquim Nabuco

**brasil
portugal**

- aquele abraço



20-20

COMUNICAÇÃO
E EDITORA

Recife
1995

© Mário Souto Maior
Avenida Getúlio Vargas, 963 - Bairro Novo
53030-010 Olinda - Pernambuco - Brasil
Telefone/Fax: (081) 429.1558

20-20 Comunicação e Editora
Rua Carlos Estêvão, 64 - Madalena
50720-050 Recife - Pernambuco - Brasil

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Capa e Projeto Gráfico: Jan Souto Maior
Revisão: Rômulo Freire
Folhas-de-Guarda: Caricaturas de Alvarus e Belmonte in *História da
Caricatura no Brasil*, de Herman Lima
Arte-final da folha-de-guarda: Vanilda Pordeus

Pesquisa gerada na Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

livros do autor

- 01 - *Meus poemas diferentes*. Prefácio de Francisco Julião. Recife: Geração Editora, 1938, 40p.
- 02 - *Roteiro de Bom Jardim*. Prefácio de Antônio Vilaça. Recife, 1954. (Em colaboração com Moacyr Souto Maior), 81p.
- 03 - *Como nasce um cabra da peste*. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969. 93p. (Coleção Brasil para todos, 5); 2.ed. Recife: Edições Grumete, 1984.
- 04 - *Antônio Silvino, capitão de trabuco*. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1970. 150p. (Coleção Brasil para todos, 7).
- 05 - *Cachaça: história, humor, medicina, proibições, religião, serenata, sinonímia, sociologia e outros aspectos da aguardente no Brasil*. Prefácio de Claribalte Passos. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970. 203p. (Coleção canavieira, 3); 2.ed. Brasília, Thesaurus, 1985. 118p.
- 06 - *O ciclo*. Prefácio de Mauro Mota. Recife: Mousinho, 1970. 34p.
- 07 - *Em torno de uma possível etnografia do pão*. Prefácio de Sylvio Rabello. Recife: Edição do Autor, 1971. 95p. Inclui bibliografia.
- 08 - *Dicionário folclórico da cachaça*. Prefácio de José Américo de Almeida. Recife: s.ed, 1973. 144p.; 2.ed. e 3.ed. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1980 e 1985, respectivamente.
- 09 - *A morte na boca do povo*. Prefácio de Waldemar Valente. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974. 52p.
- 10 - *Nomes próprios pouco comuns*. Prefácio de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3.ed. Recife, 1992, 111p.

- 11 - *Território da danação: o diabo na cultura popular do Nordeste*. Prefácio de Hermilo Borba Filho. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975. 102p. (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras).
- 12 - *Nordeste: a inventiva popular*. Prefácio de Manuel Diégues Júnior. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978. 139p. Inclui bibliografia. (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de Letras, 1976).
- 13 - *Dicionário do palavrão e termos afins*. Apresentação de Eliézer Rosa. Prefácio de Gilberto Freyre. Recife: Ed. Guararapes, 1980. 154p. 2.ed. e 3ed. Recife: Ed. Guararapes, 1980; 4ed., 5ed. e 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 1988/1992, 173p.
- 14 - *Folclorerotismo*. Recife: Edições Pirata, 1980. 42p. il.; 2.ed. Recife: Edições Pirata, 1981, 50p.
- 15 - *Galaláus & batorés*. Recife: UFPe. Ed. Universitária, 1981. 73p.
- 16 - *Painel folclórico do Nordeste*. Prefácio de Luís Luna. Recife: UFPe. Ed. Universitária, 1981. 143p.
- 17 - *Comes e bebes do Nordeste*. Introdução de Sebastião Vila Nova. Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1984. 143p. (Obras de consulta, 4). Inclui bibliografia e índice; 2ed. e 3ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1984 e 1985, respectivamente; 4.ed. Recife: Bagaço, 1995, 193p.
- 18 - *Mulheres e ruas*. Recife: Grumete Edições, 1984, 24p.
- 19 - *Sete estórias sem rei*. Prefácio de José César Borba. Recife: Grumete Edições, 1984, 80p.
- 20 - *Folclore quase sempre*. Prefácio de Fernando de Mello Freyre. Recife: Grumete Edições, 1986. 128p.
- 21 - *Remédios populares do Nordeste*. Prefácio de Roberto Mota. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986. 130p. (Obras de consulta, 7).
- 22 - *Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade*. Recife: Grumete Edições, 1987. 50p.
- 23 - *Alimentação & folclore*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988. (Prêmios Silvio Romero 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazar, 1989), 196p.
- 24 - *Antologia pernambucana de folclore*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1988, 345p. (Em colaboração com Waldemar Valente).
- 25 - *Antologia da poesia popular de Pernambuco*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1991, 246p. (Em colaboração com Waldemar Valente.)
- 26 - *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana,

1991. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 406p.
- 27 - *A língua na boca do povo*. Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1992, 91p. (Obras de consulta, 13). Inclui bibliografia e índice.
- 28 - *Sogras: prós & contras e outras conversas*. Recife: Edição do autor, 1992. 112p. Inclui bibliografia.
- 29 - *O puxa-saco: aqui, ali & acolá*. Recife: Edição do autor, 1993. 146p. Inclui bibliografia.
- 30 - *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1992. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 298p.
- 31 - *A paisagem pernambucana*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1993. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 279p.
- 32 - *Três estórias de Deus quando fez o mundo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1993; 2ed. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 33 - *Riqueza, alimentação e folclore do coco*. Apresentação de Felix Coluccio. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 100p. Inclui bibliografia e índice.
- 34 - *Geografia vocabular do pau através da língua portuguesa*. Prefácio de Dino Preti. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 128p. Inclui bibliografia e índice.
- 35 - *A mulher e o homem na sabedoria popular*. Prefácio de Armando Souto Maior. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 99p. Inclui bibliografia e índice.
- 36 - *A mulher que enganou o diabo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 37 - *As dobras do tempo: quase memórias*. Apresentação de Jan Souto Maior. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995. 226p.
- 38 - *O homem e o tempo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 39 - *Brasil x Portugal: aquele abraço*. Prefácio de Fernando Gonçalves. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995. 100p.
- 40 - *A moça que casou com uma cobra*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 41 - *Folclore etc & tal*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

A SAIR:

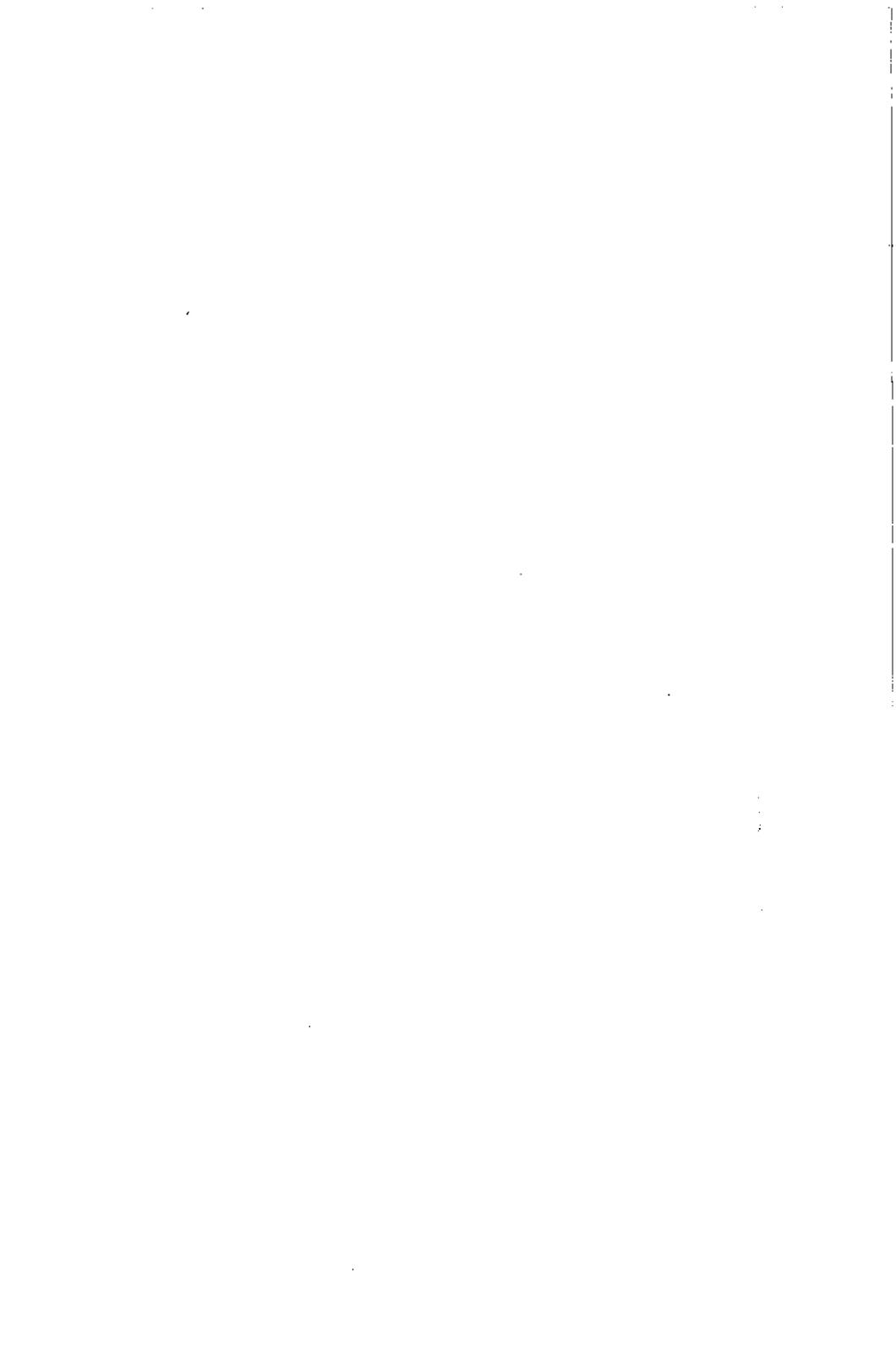
BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE

ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (com Waldemar Valente) 2º v.

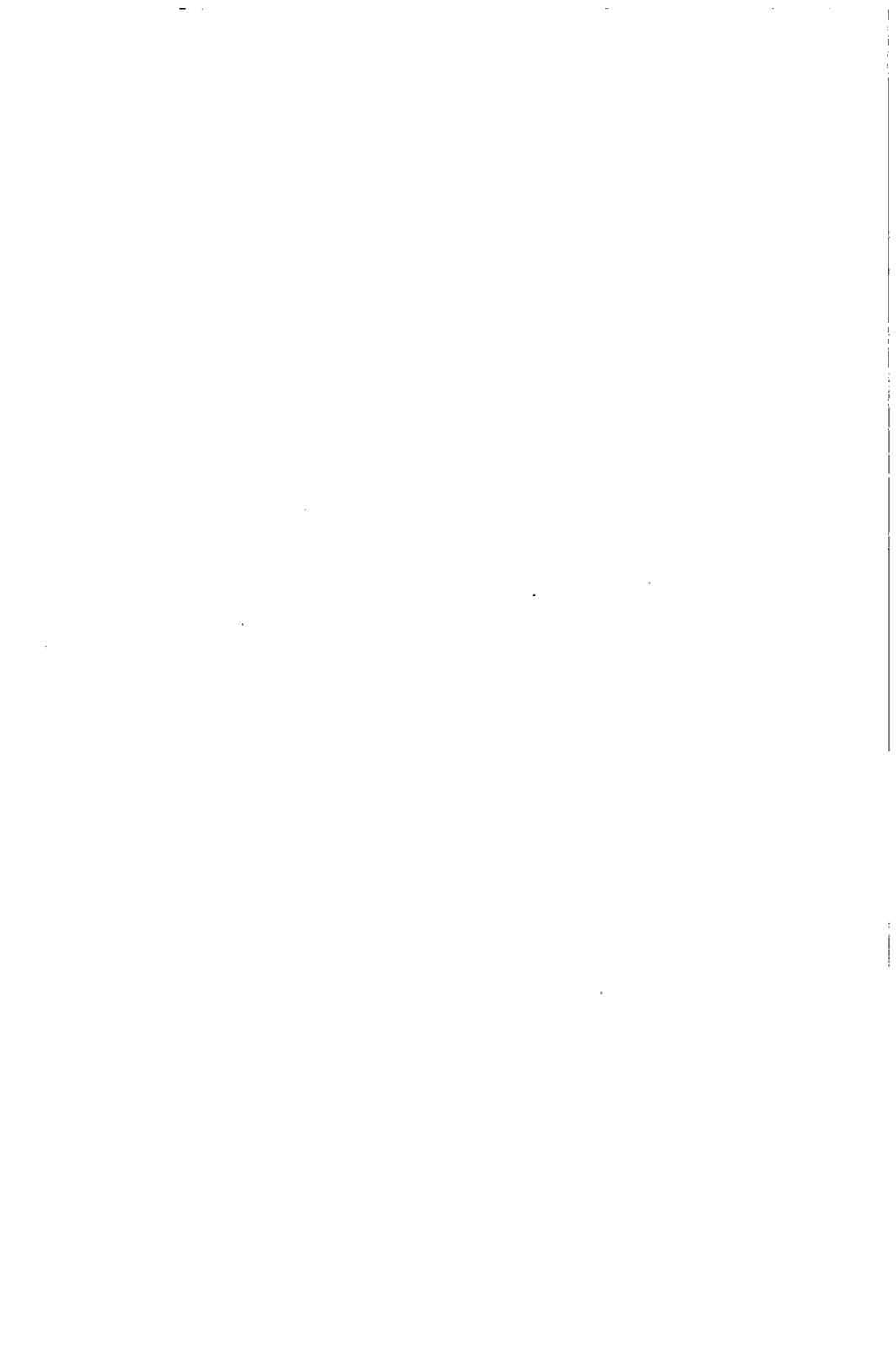
O CARNAVAL: TEXTOS, IMAGENS & SONS (com Fernando Spencer e Renato Phaelante)

PEDRINHO E OS SEUS MIL CARNEIROS (infantil)

OS MISTÉRIOS DO FAZ MAL: TABUS ALIMENTARES



Para Edilton Sampaio
Leduar de Assis Rocha
Maria Amália Correia Giffoni
e
Lírio Costa (Costinha)
- na Eternidade



sumário

- Prefácio: Fernando Antônio Gonçalves, 13
De como os portugueses chegaram ao Brasil, 17
De como os brasileiros descobriram Portugal, 21
Brasil x Portugal: mero problema folclórico, 25
Humor: o português e o brasileiro, 29
Estórias de portugueses, 33
Estórias de brasileiros, 73
- Depoimentos:
Fátima Quintas:
Cheirinhos de alecrim numa casa portuguesa, com certeza, 83
José Constantino Ferreira Maia: Portugal, Brasil e eu, 93
- Bibliografia, 97



prefácio



Com nomes e sobrenomes radicalmente lusitanos, posto que descendente de uns e outras sou, muito fiquei lisonjeado com o convite formulado pelo meu amigo Mário Souto Maior, pesquisador emérito da Fundação Joaquim Nabuco, para prefaciar um novo livro seu, que relata **causos** e mais **causos**, todos engraçadíssimos, envolvendo sempre os irmãos patrícios do além-mar, com seus vastíssimos bigodes e rotundos abdomens, e as suas não menos queridas raparigas e senhoras, com suas quase nunca pouco generosas mamas, rechonchudas **padarias**, cucas recheadas da mais pura autenticidade ibérica.

Reconheço em Mário Souto Maior um quixote autêntico nas lutas pela preservação do que há de mais legítimo no folclore regional. Sua compleição franzina, aparentemente descansada, esconde uma mente determinada em continuar pelejando, até onde Deus quiser, pela perpetuidade da arte de fazer rir sem resvalar para o chulo ou o grosseiro.

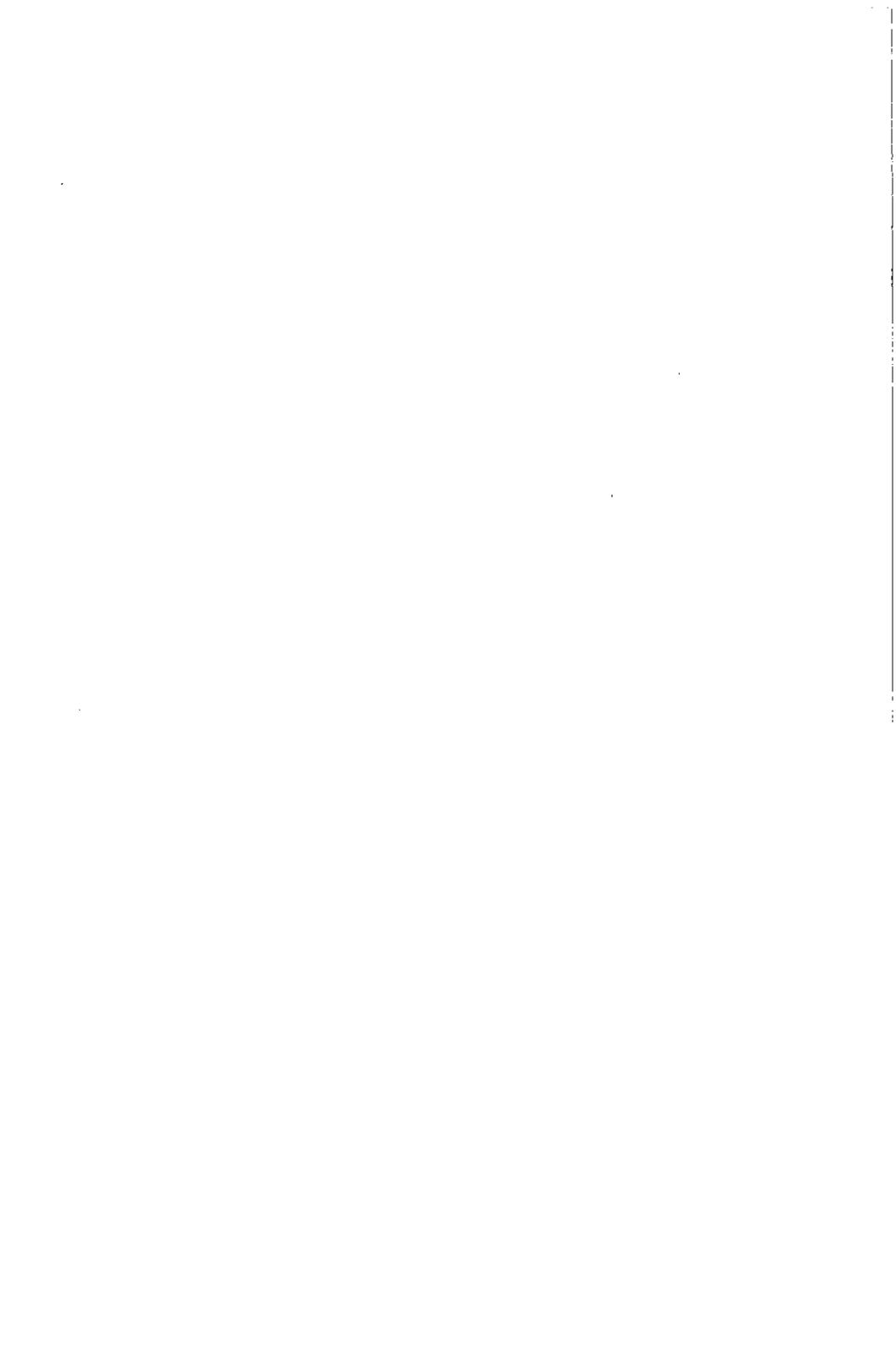
Feliz do homem que, sabendo fazer rir, torpedeia hipócritas, falsos moralistas, bajuladores e trolhas, afugenta os maus olhados, ficando em paz com o seu interior sempre grávido de autêntica simplicidade, as simploriedades passando ao largo, sem qualquer bem-aventurança. E mais feliz ainda é quem priva da amizade de um desses talentos raríssimos, posto que, vacinados, também discípulos se tornam, perenizando-se na arte de semear oxigenadores contentamentos, através dos mais variados modos de molecar.

Li de cabo a rabo o livro de Mário Souto Maior, o cabo e o rabo também maravilhando-se com as narrativas acerca das inúmeras amigações dos de lá com uma esplendorosa **intelijumênci**a com certeza velozmente passageira. E fiquei feliz em me saber pertencente a um povo tão motivador, tão decantado em prosa e verso, e vice-versa, capaz de se fazer muito amado através de um anedotário gozoso apenas nas exterioridades.

Viva Mário Souto Maior com o seu repertório de **causos** acontecidos com irmãos lusitanos, nossos avós! Vivamos nós, brasileiros, sempre a receber de braços abertos as histórias dos irmãos de lá, plenamente conscientes de que tudo não passa de múltiplas brincadeiras em família, sadio oxigênio para quem entende que “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Fernando Antônio Gonçalves
Recife, janeiro, 1995

**de como os portugueses
chegaram ao brasil**



Sempre escancaradas estiveram as portas do Brasil para os imigrantes portugueses, desde os tempos coloniais até hoje, e aqui recebidos de braços abertos, mesmo sem constituírem, na sua quase totalidade, mão-de-obra especializada e sem que passassem por uma triagem que constataste suas condições de saúde, idade e sexo, de conformidade com as nossas conveniências.

Aqui chegados, os portugueses, com o dinheirinho que traziam, logo se estabeleciam como donos de bodegas, de quitandas e, à medida que os negócios prosperavam, transformavam essas quitandas e essas bodegas em sólidos armazéns de muitas portas e de muito lucro.

É interessante observar o gosto que os portugueses sempre tiveram pelo comércio de secos e molhados. Um gosto só comparável com o dos italianos no Nordeste que, para começo de uma nova vida, localizavam suas cadeiras de engraxate nos pés de escada da Rua da Imperatriz e da Rua Nova no Recife, enquanto que os outros procuravam instalar suas alfaiatarias nas principais ruas da cidade. Ou ainda o dos turcos que percorriam as ruas dos subúrbios e das mais próximas cidades do interior mascateando, vendendo fitas, carretéis de linha, pó-de-arroz, botões, pentes, espelhos e outras bugigangas tão do agrado das mulheres.

Alguns portugueses, logo que amealhavam algum dinheiro, mandavam buscar suas esposas, noivas ou namoradas na *santa terrinha*. Outros, solteiros, sem compromissos, desimpedidos de todo, não conseguiam fugir dos encantos e da sedução das negras com

suas ancas bamboleantes e feitiço no olhar. A esses portugueses, responsáveis por essa miscigenação, por esse cruzamento de raças de cores tão opostas, devemos a invenção das mulatas e das morenas que atualmente constituem uma boa parte da população e da beleza da mulher brasileira.

Conseqüentemente, os portugueses, notadamente no Norte e Nordeste, constituíram-se os principais responsáveis pela homogeneidade da população brasileira.

Já ia me esquecendo de registrar que, no começo da colonização, eram enviados para a Terra de Santa Cruz, os criminosos (há quem diga que veio de lá a ralé, a escória portuguesa), degredados, alguns poucos nobres que não queriam participar do jogo político do rei. Vir morar no Brasil era um castigo até para os filhos-problema, como no caso do avô de João Ubaldo Ribeiro (REIS, Ney e MARTINS, Valéria. João Ubaldo Ribeiro. Um livro, um uísque, uma boa conversa. *Ele & Ela*, Rio de Janeiro, (289) : 6-12, ago., 1993) : “Meu avô era imigrante português, mas não veio para cá por necessidade. A família dele tinha recursos em Portugal, só que ele era arruaceiro e meu bisavô, de castigo, degredou-o para o Brasil, para obrigá-lo a trabalhar. Ele já tinha engravidado uma moça, enfim era um perturbador.”

Vir para o Brasil, ter que enfrentar não somente a indiada como uma série enorme de dificuldade, era também, castigo, exílio, degredo, desterro.

**de como os brasileiros
descobriram portugal**



Quando o brasileiro prosperava, conseguindo economizar algumas patacas - plantando café, cana-de-açúcar e algodão, criando gado ou extraindo borracha - só tinha uma vontade, um desejo muito forte e natural: conhecer Portugal, terra de seus antepassados, comer uma boa bacalhoadada regada com vinho de boa qualidade, ver a Lisboa antiga, visitar a Sé de Braga. Contam até a estória daquele brasileiro muito rico e de pouco saber que, depois de visitar as cidades portuguesas, resolveu dar uma esticada até Paris, terra dos finos perfumes e de mulheres bonitas e, de volta, confessou que muito se admirou depois de constatar que na capital francesa até as crianças bem pequenininhas sabiam falar francês, enquanto suas filhas, depois de muito anos de estudo, não sabiam quase nada...

Costumava, também, o ricaço brasileiro estudar em Portugal, principalmente quando eles não eram aprovados nas universidades brasileiras, de vez que, nas de lá, o vestibular não existia, e voltavam orgulhosos, com o canudo de bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra ou de médico, usando ricos e bonitos anêles. E era muito chique e dava muito *status* imprimir em seus papéis profissionais: Dr. Fulano de Tal, formado pela Universidade de Coimbra.

Era assim que poucos brasileiros conheciam Portugal, desde a colonização até os começos deste século.

Ultimamente, as novelas da televisão brasileira - na década de 70, creio - invadiram Portugal, interferindo até mesmo no linguajar local, divulgando os costumes e a fala brasileira através da novelização

de grandes romances da nossa literatura, invasão esta que se estendeu por quase toda a Europa e diversos países de outros continentes.

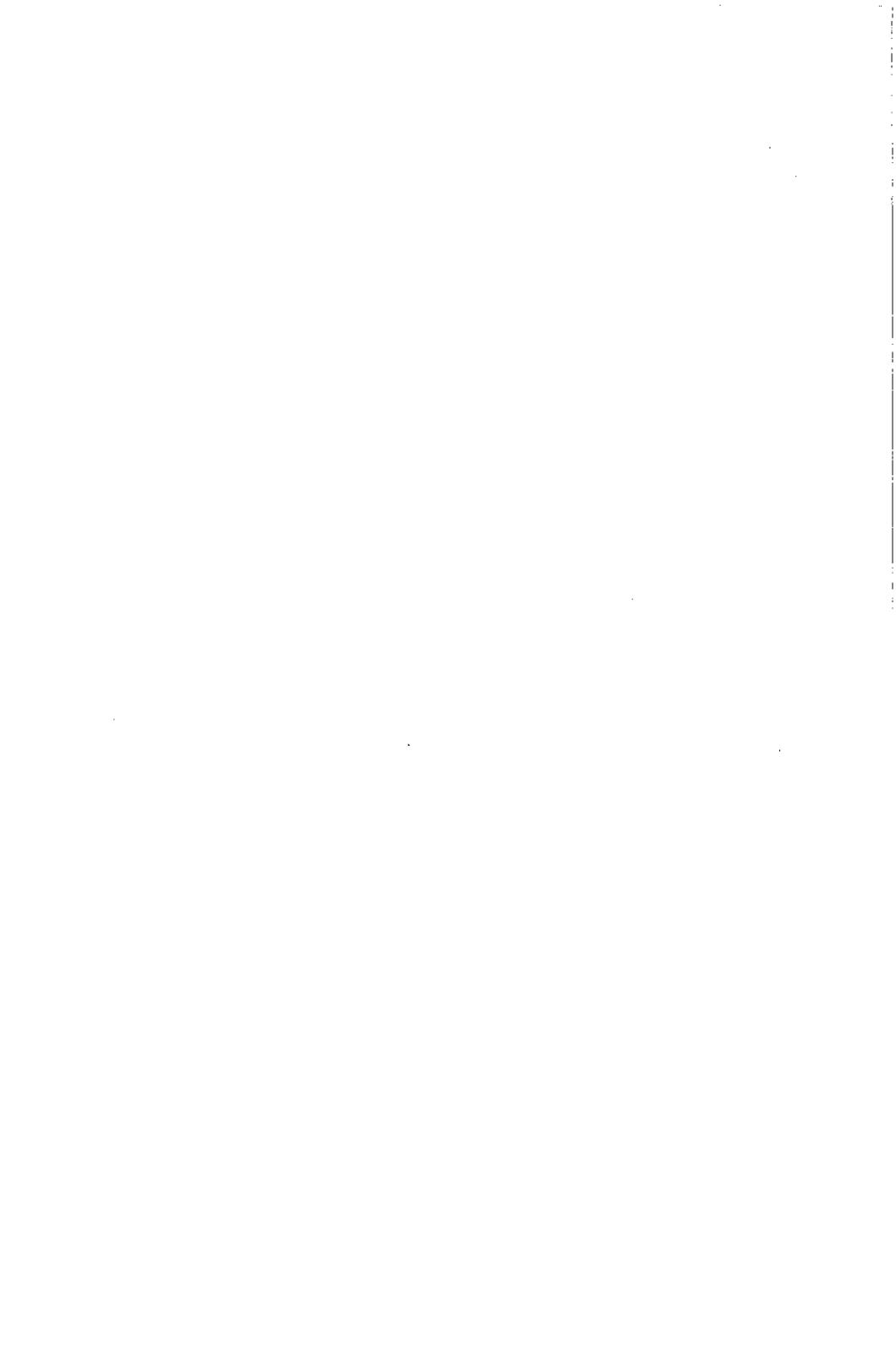
Além das novelas da nossa televisão, Portugal também foi invadido por um número considerável de jogadores de futebol, contratados por associações desportivas lusas. E alguns empresários brasileiros, por sua vez, se estabeleceram na santa terrinha, com suas indústrias, gerando empregos e riqueza.

Foi assim que o Brasil descobriu Portugal, alguns séculos após Pedro Álvares Cabral haver encontrado a Terra de Santa Cruz.

Com a crise que, nos últimos anos, sacudiu a economia brasileira em consequência do fracasso dos diversos planos econômicos, os brasileiros menos afortunados, resolveram emigrar, à procura de trabalho, de outros horizontes. E emigrar para onde? Para Portugal, principalmente por causa da língua falada aqui e lá. Dentistas, cabeleireiros e até *travestis* e prostitutas foram bater às portas da Pátria Irmã, esperando uma acolhida generosa, de vez que as portas brasileiras sempre estiveram abertas, durante séculos para a imigração lusa. Mas a reciprocidade da acolhida não aconteceu como se esperava. Os industriais foram muito bem recebidos. Os dentistas e outros profissionais, alguns dos quais necessários ao país, foram proibidos de permanecer em território português e até mesmo maltratados pelas autoridades portuguesas, o que muito doeu no coração dos brasileiros.

Mas o problema foi diplomaticamente resolvido.

**brasil x portugal:
mero problema folclórico**



Nunca deixou de acontecer essa pendenga, essa quizila, esse antagonismo direcionado para o grotesco, de cunho meramente folclórico, sem nenhuma dúvida, principalmente entre o Homem forte, machão e a Mulher - fraca e submissa durante séculos; entre o Negro - ainda vestido com a roupa preconceituosa do escravo em alguns países e o Branco - prepotente e dono de todas as verdades; entre o Gordo - fofão, **guarda-roupa** e o Magro - que faz pijamas com pano de uma lista só; entre o Alto - **espanador-da-lua, galalau** e o Baixinho - **escada-de-colher-maxixe, pintor-de-rodapé**; entre a Loura - acusada de ser burra e a Morena - uma negra com vontade de ficar branca; e entre Portugueses - ignorantes, correndo do banho como o Diabo corre da cruz, dados à lubricidade e Brasileiros - conhecidos em Portugal como levianos, espertalhões, ingênuos, aventureiros, inescrupulosos, estúpidos e lascivos.

O comportamento humano entre pessoas opostas, na sua altura, no seu sexo, na sua cor, no seu tamanho, no seu físico, na sua nacionalidade, sempre prima pela hilaridade, através de inúmeras expressões populares, das mais diferentes e interessantes gírias e de um anedotário quase sempre contundente e algumas vezes até mesmo cruel.

Essa rivalidade ou animosidade é - parece-me e tudo faz crer - comum a todas as gentes, ora envolvendo o colonizador e o colonizado, ora povos vizinhos e rivais, cada qual querendo diminuir as qualidades e aumentar os defeitos uns dos outros, como acontece

entre brasileiros e portugueses, entre belgas e franceses, entre escoceses e ingleses, entre polacos e americanos. Tem acontecido até mesmo entre habitantes de cidades vizinhas, do mesmo país.

Como não poderia deixar de ser, o veículo dessa idiossincrasia sem motivação lógica, quase sempre e na maioria dos casos, é a anedota, uma das manifestações folclóricas mais universalmente divulgadas, porque os povos sempre cultivaram a arte de rir, tão importante ou até mesmo mais importante do que a de chorar.

Faz-se necessário, entretanto, ressaltar esta verdade óbvia: partindo do princípio de que, segundo a sabedoria popular, cada cabeça é um mundo e cada pessoa pensa e age de conformidade com o que acredita estar certo. Ninguém pode reunir pessoas em grupos, em cidades ou em nações, com a finalidade de determinar como esses grupos, os habitantes dessas cidades e a população desses países pensam ou agem.

A verdade, nua e crua, é que o comportamento humano com relação a qualquer ponto de vista é insistemizável. E tanto é assim que vamos encontrar indivíduos pouco inteligentes, que não cuidam do asseio corporal, ou que sejam levianos, aventureiros, inescrupulosos, lascivos entre todos os povos do mundo e não somente entre portugueses e brasileiros. Assim, terei que recorrer novamente à sabedoria popular para explicar que os impropérios e os maltratos, de parte a parte, resultam do bem-querer entre estes dois povos irmãos, porque “quem quer bem, maltrata”.

humor:
o português e o brasileiro



Rir continuará sendo, até a consumação dos séculos, o melhor antídoto no combate às mazelas do espírito. É rindo que o homem sepulta seus problemas, desanuvia sua mente conturbada, torna-se mais sociável e, só então, é capaz de iniciar processos de criatividade em todo trabalho que dependa de paz interior.

O ato de rir é tão salutar que seria até mesmo aconselhável que os poderes públicos fizessem com que as televisões, todas as noites, apresentassem programas humorísticos, a fim de que o povo pudesse rir e, conseqüentemente, ser um pouco feliz, mesmo com a crise e a violência assolando todos os países do mundo.

Há povos alegres e tristes. Uns riem mais que outros. Será que os habitantes das regiões próximas às calotas polares riem menos por causa do frio ? Será que o frio inibe o riso ?

Os italianos são alegres, comunicativos, trabalham cantando, o mesmo acontecendo com os franceses e os espanhóis. Já os ingleses, fleugmáticos, no seu *fog*, não riem bastante, fazendo-o mais para dentro do que para fora. Juca Chaves - um humorista brasileiro bastante conhecido e admirado - diz : “Você pode ver que os povos mais burros são sérios. [...] ... o português é sério, sisudo. Procura encontrar sempre desculpas para uma suposta seriedade.”

Assim, “o anedotário português é meio sobre o ingênuo. As piadas portuguesas não têm jogo de cintura, por isso não fazem rir.

Eu não acho graça nenhuma nas piadas portuguesas”, conclui Duda Guenes, depois de registrar algumas anedotas por ele ouvidas em Portugal.

Sendo o português um povo sério, sisudo, de pouco riso, sem saber criar humor, talvez seja a razão pela qual a quantidade de anedotas criadas pelos brasileiros sobre seus irmãos portugueses seja muito maior do que a quantidade de anedotas criadas pelos portugueses tendo o brasileiro como personagem principal. Mesmo assim, Arnaldo Saraiva afirma que “se publicaram em Portugal anedotas de brasileiros - que curiosamente, até podiam ser portuguesas de torna-viagem. E, datada de 1950, vem reproduzida no livro **Anedotas - Contribuição para um Estudo**, de A. Machado Guerreiro, a seguinte anedota:

“Um par de namorados, brasileiros, está num banco de jardim. Ele está amuado. Ela, muito meiga, muito dengosa:

- *Quiridinho* ! Não seja assim ! diga qualquer coisa *qui mi deleitche*.

E ele:

- Vaca....”

Como se vê, os brasileiros também são conhecidos como pessoas pouco inteligentes. E os portugueses pagam com a mesma moeda e ainda dão o troco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAVES, Juca. Juca Chaves - o Menestrel da Boa Vida. Ele & Ela, São Paulo, junho, 1994.
- GUENES, Duda. A ingenuidade do anedotário lusitano. *Jornal do Commercio*, Recife, 8.11.1994, Cad. C., p. 4
- SARAIVA, Armando. Uma anedota de brasileiros. *Diário de Notícias*, Lisboa, 21.06.1994.

estórias de portugueses



1. O Manuel vem dirigindo pela estrada. Uma viatura da polícia rodoviária o faz parar e o guarda lhe pede a **carta** (a carteira de motorista).

- Carta? Ora, mas e eu fiquei de lhe *escreveire* ?

2. Ao vir para o Brasil, o Manuel fica fascinado com a caixa de fósforos e resolve mandar uma de presente para Maria, em Portugal, com uma carta explicando o seu uso. Dias depois, recebe um telegrama de Maria : “Não funciona”. Incrédulo, o Manuel conversa com seus botões:

- Mas como ? Antes de *mandaire* eu os testei um por um...

3. O Manuel faz uma ligação telefônica:

- Alô? É da Varig? Por *favoire*, senhorita, eu queria *sabeire* o tempo de um vôo de São Paulo para Lisboa.

- Um minutinho...

- Um minutinho? Está bem, muito obrigado!

E desligando o telefone, comenta:

- Como esses aviões de hoje estão rápidos...

4. O freguês entra no bar do Manuel e lê num cartaz que está pregado na parede: **Pão simples: 50 centavos. Pão com manteiga: 8 centavos. Pão sem manteiga: um real.** O freguês estranha e pergunta ao dono do bar:

- Ó Manuel, por que o pão sem manteiga não custa o mesmo

que o pão simples de 50 centavos?

- Porque dá muito mais trabalho, ora! A gente tem que *colocaire* a manteiga e depois *tiraire*...

5. - Ora, pá, Manuel! Até que enfim o quilo do arroz baixou!
- Ai e é, Maria? E quantos gramas o quilo de arroz pesa agora?

6. O Manuel vai trabalhar de mordomo na casa de um ricoço. Lá pras tantas o Manuel acorda, sai correndo e acorda o patrão, que indaga:

- O que foi? O que foi?

- O *senhoire* me pediu para lembrar a hora de tomar o remédio para *durnire*...

7. A Maria vai ao médico.

- Ai, *doutoire*! Eu não consigo *dormire*. Se durmo virada para cima, sou atacada por uma forte *doire* de cabeça. Se viro para um lado, atacam-me os rins. Se viro para o outro, ataca-me uma *doire* no baço. O que é que eu faço, ó *doutoire*?

- Por que a senhora não experimenta dormir de bruços?

- Porque, aí, quem me ataca é o Manuel...

8. O Manuel vai visitar um velho navio de guerra. Em um dos compartimentos tropeça numa placa de bronze, onde está escrito: "Aqui tombou o almirante Barroso". Comenta o Manuel:

- Não é de *admiraire*. Eu também quase cá aqui...

9. - Comandante Joaquim! Estou a *avistaire* uma tropa que se encaminha diretamente ao nosso forte!

- São amigos ou inimigos, sentinela Manuel!

- Eu acho que são amigos. Vêm todos juntos...

10. - Por favor, o senhor viu alguém dobrando esta esquina, agora?

- Não, *sinhoire*. Quando cá cheguei, a esquina já estava dobrada!

11. O carro do Manuel enguiça e ele vai com o filho caçula ao mecânico. Após verificar o motor do velho carro, o mecânico falou:

- O problema está no freio. Vou ter que mexer no *burrinho*.
- O Manuel puxa o garoto para trás e se altera:
- Não, *senhoire*! No garoto ninguém mexe!

12. O Manuel chega em casa, à noitinha, e encontra um pinguim em seu jardim. Como o Manuel nunca havia visto um pinguim em sua vida, ficou com as mãos cheias de dedos, sem saber o que fizesse com o bichinho. Foi quando se lembrou de pedir a ajuda do vizinho que ia passando.

- Olha, Manuel, o melhor que você faz é levar o pinguim para um zoológico.

No dia seguinte o vizinho encontrou o Manuel passeando com o pinguim.

- Ô Manuel! Aonde você vai com o bicho? Você não o levou ao zoológico ontem?

- Levei, sim: e ele adorou. Hoje estou a levá-lo ao Playcenter!

13. - Ô, Maria, estou a morrer de cansaço... Vim correndo atrás do ônibus e, sem nunca *alcançaire*, acabei chegando aqui. Meu consolo é que eu consegui economizar um real...

- Mas tu és burro, mesmo, hein, Manuel?

- Burro, eu? E por que?

- Por que não correste atrás de um táxi? Terias economizado muito mais...

14. O Manuel vem ao Rio de Janeiro. Em Portugal, é advertido pelos amigos que os motoristas de táxi brasileiros costumam correr muito.

Chegando à cidade maravilhosa, Manuel pega um táxi:

- Avenida Brasil, por *favoire*.

- Que altura, mais ou menos?

- Se tu fores a mais de dois metros de altura, eu pulo desse troço, ó raios!

15. Tinha um primo do Manuel que há muitos anos sofria de um mal singular. Era só tomar um gole de café e sentia uma forte pontada no olho esquerdo. Não havia remédio que o curasse. Acontece que

ele adorava tomar café. Até que um dia, um amigo da família, o aconselhou:

- Ó Joaquim ! Por que não experimentas tirar a colherzinha de dentro da xícara quando fores *tomair* café?

16. Dois portugueses desembarcam no Recife, de madrugada, e dirigem-se à lanchonete para comer alguma coisa. O balconista coça a cabeça e pergunta:

- A estas horas? Vocês comem cuscuz?

- Não, *sinhoire*. Nós comemos "cas" bocas...

17. O Manuel chega ao Brasil e o Joaquim vai esperá-lo. O Manuel põe a cabeça na escotilha do navio, procurando o Joaquim no cais do porto. O Joaquim, de longe, falando bem alto, pergunta:

- Ó, Manuel, que diabo estás a *fazeire* aí, com o navio "enrolado no pescoço"?

18. Dois cientistas portugueses descobriram um ótimo remédio para hemorróidas e resolveram montar um laboratório para fabricar o produto. Mas só faltava escolher o nome do remédio. Então, um deles teve um estalo:

- Ó raio! Pois o remédio não é para *aliviaire*? Então o nome certo só pode ser "culírio"...

19. Um português procura um juiz e diz-lhe que tem passado vexames com o seu nome, razão pela qual deseja mudá-lo. Indaga, então, o juiz:

- E qual é o seu nome?

- Meu nome é Joaquim Bosta, *dotoire*...

- Oh ! meu filho, que horror ! Vamos já tratar disso. E qual é o nome que deseja usar?

- Eu queria que o meu nome passasse a ser Manuel Bosta, *dotoire*...

20. - Joaquim! Quando eu adormecer faça-me o favor de desligar a luz.

- Pois não, patrão ! É só o *senhoire tocaire* a campainha e eu virei correndo !

21. O Manuel e a Maria vão assistir a uma partida de futebol. Chegam ao estádio com atraso, porque a Maria demorou muito se arrumando. Quando entraram no estádio já ia começar o segundo tempo. O Manuel pergunta a um dos torcedores:

- Como está o jogo, amigo ?

- Zero a zero.

E a Maria foi logo dizendo:

- Estás a *veire*, ó Manuel? Chegamos bem a tempo. O jogo nem começou...

22. O Manuel se emprega como ajudante numa oficina mecânica. O dono o chama para a primeira tarefa:

- Tô consertando o pisca-pisca deste carro. Vai lá atrás e me diz se está funcionando.

E o Manuel, olhando com atenção para a lanterna traseira:

- Tá funcionando, não tá funcionando, tá funcionando, não tá funcionando, tá funcionando, não tá funcionando...

23. O pneu do carro de Manuel fura diante de um hospício. Ele desce e tira as porcas das rodas, mas elas escorregam para dentro de um buraco. Um dos internos assiste à cena do lado de dentro das grades do manicômio e aconselha ao Manuel:

- Tire uma porca de cada uma das outras três rodas para segurar a que ficou solta, até chegar a um posto.

- Fenomenal! Muito boa idéia. Obrigado! Olhe, eu nem sei por que tu estás aí dentro.

- Eu estou aqui porque sou doido, não porque sou burro!

24. A dona Maria só consegue ser atendida pelo médico do convênio quando já está quase boa de uma forte gripe. O doutor a examina e comenta:

- A senhora está bem e não precisa se preocupar. Não precisa nem tomar nenhum remédio.

- Muito bem, ó *dotoire*! Graças ao remédio que o gajo da botica me receitou! E eu fiz tudo direitinho, como estava escrito no rótulo. Mantive, desde que comprei, o vidro hermeticamente fechado...

25. Na sua visita anual a Lisboa, um brasileiro estranha que a multa

por pisar na grama baixara de cem para cinqüenta escudos. Chama um guarda e pergunta:

- Escuta, amigo. Por que a multa por pisar na grama diminuiu?
- É que, por aquele preço, ninguém pisava, *dotoire!*

26. Depois que se casou, dona Manuela engordou sem parar. Decidiu fazer um regime, já que o Joaquim não era muito chegado à banha. Várias consultas ao especialista e nada da *portuga* perder uns quilos. O médico não se conforma:

- Está guardando bem a dieta, como recomendei?
- Sim! Está bem guardada, no cofre do Joaquim!

27. O médico mandou o Manuel fazer exame de fezes. O gajo chegou ao laboratório levando uma latinha. A recepcionista que o atende, diz:

- Por favor, escreva o nome nesta etiqueta e cole na tampa da latinha!

E o Manuel seguiu direitinho as instruções. Só depois que ele se foi embora é que a recepcionista leu o que estava escrito no papel: "Bosta".

28. Joaquim e Manuel resolvem trabalhar no campo. Compram um sítio cada um e continuam vizinhos e amigos. Os negócios vão bem e ambos estão animadíssimos. Um dia, Joaquim procura Manoel, todo entusiasmado:

- Ó, Joaquim. Se tu *adivinhaire* quantas cabras comprei hoje, te dou uma delas e fico apenas com outras duas!

29. Um amigo pergunta ao Manoel:

- Quantos ovos você é capaz de comer com o estômago vazio?
- Ora, pois...uns dez!
- Coisa nenhuma, seu burro! Com o estômago vazio você só come um ovo!
- Claro, que consigo comer muito mais do que um ovo, ó gajo!
- Acontece que depois de comer o primeiro ovo seu estômago não está mais vazio...

30. O português estava na penitenciária cumprindo uma sentença

de vinte anos de prisão. Um dia, recebe uma carta da mulher e fica todo feliz.

- Boas notícias, Joaquim ? - indaga o companheiro de cela

- Excelentes! Nem podes *imaginaire*. Minha mulher está a me *avisaire* que vou ser pai pela segunda vez em três anos...

31. Dois presos portugueses planejam fugir da cadeia:

- Bom, Manuel... Se o muro for baixo, a gente foge por cima, saltando. Se o muro for alto, cavamos um pequeno túnel para escaparmos por baixo.

No dia seguinte Manuel foi examinar o local da fuga e voltou preocupadíssimo:

- Ó, Joaquim! A nossa fuga não vai ser possível, conforme seus planos: não tem muro nenhum!

32. O Manuel andava mal do estômago e foi ao médico. O doutor examinou atentamente o cliente e lhe entregou a receita:

- É só tomar isto três vezes ao dia e vai ficar curado num instante.

- Então me faça mais duas cópias, *dotoire*!

- Mas, para que o senhor quer mais duas receitas, seu Manuel?

- E como o *dotoire* quer que eu engula a mesma receita três vezes?

33. O Joaquinzinho sempre chegava atrasado à escola. A professora perguntou-lhe qual o motivo. Respondeu o Quinzinho:

- É que, quando chego perto da escola, tenho que andar devagar...

- E por que?

- Porque está escrito numa placa bem grande: "Atenção, escola. DEVAGAR!"

34. Quando o Manuel voltava dum festa altas horas da madrugada, vê um guarda gesticulando num cruzamento. Manuel freia o carro. O inspetor de veículos bronqueia:

- Por que parou ? Eu estou fazendo com que os automóveis passem logo, para evitar congestionamento!

- Ah! - falou o Manuel. Eu pensei que o *sinhoire* tivesse

mandado parar, pois estou a *dirigire* bêbado e sem carteira de motorista...

35. - Tu gosta de charada, ó Manuel ?
- É claro que gosto - respondeu o Manuel.
- Então, vê lá se consegues matar esta: "Não é tato. É filho do Couto, mas não é ele, é outro. 2-3."

O Manuel pensou, pensou, pensou, e confessou que não conseguia matar a charada do Joaquim que, de pronto, explicou:

- Pois é muito fácil, m' ô amigo! Veja bem : Não é tato : é Gago. Se é filho do Couto, é o Coutinho. E se não é ele e é o outro, é o Sacadura Cabral, seu companheiro de travessia do Atlântico.

36. A professora, apontando para o Quinzinho, pergunta:
- Você, aí, Quinzinho. Diga três nomes próprios começados com a letra H!

O Quinzinho, que era o primeiro aluno da turma e o orgulho de seu Joaquim, o português da padaria da esquina, nem pestanejou e foi logo respondendo:

- AGAmenon, AGApito e AGAcildo, professora!

37. O Joaquim gosta muito de charada. Numa roda de amigos soltou esta: "Tem muita água, está na cabeça da mulher e é um grande militar. 2-2". Ninguém conseguiu matar a charada, até que chegou outro português, o Manuel, que num instante decifrou

- Tem muita água: maré. Está na cabeça da mulher: xale.

Resposta: *Marexale*, que é um grande militar, não é ?

38. O Joaquim chega pro Manuel e comenta:
- Acho que minha mulher Maria está com um problema sério...
- E por que chegaste a essa conclusão?
- É que outro dia encontrei um gajo dentro do guarda-roupa...
- Ó raios... e o que ela disse?
- Ela me disse que era o Anjo da Guarda dela...
- E tu acreditaste, ó Joaquim?
- Claro!
- Então, qual é o problema?
- É que não sei se anjo da Guarda muda todo dia...

39. Fizeram um concurso pra ver quem era o homem mais inteligente do mundo. Foram classificados três finalistas: um americano, um japonês e um português. Primeiro, os jurados perguntaram pro americano:

- Qual é a coisa mais rápida do mundo?

- A eletricidade - respondeu o americano.

- E você, japonês, conhece algo mais rápido do que a eletricidade?- perguntaram os jurados.

- Muito fácil - respondeu o japonês. A coisa mais rápida do que a eletricidade é o pensamento.

Os jurados fizeram uma reunião e concordaram com a resposta do japonês. Então, perguntaram ao português:

- E o senhor, seu Manuel, sabe de algo mais rápido do que a eletricidade e o pensamento?

- Ora, pois, a dor de barriga!

- Como assim? - indagaram os jurados.

- Esta noite, lá em casa - explicou o Manuel - eu estava com uma tremenda dor de barriga... Quando pensei em acender a luz, já estava todo borrado...

40. Quando seu Manuel era criança, a professora, lá em Lisboa, perguntou:

- Qual é a coisa mais pesada que conhecem?

- O elefante - respondeu a Fatiminha.

- A baleia - respondeu o Quinzinho.

- Uma caravela - diz a Mariazinha.

- O *pinto* do meu pai - falou o Manuelzinho.

A professora mais vermelha do que um camarão, toda envergonhada, disse:

- Que absurdo! De onde tiraste esta idéia, ó Manuelzinho?

- É que de noite, ouço sempre minha mãe a *dizeire*: "Este nem Deus levanta!"

41. Paulo Lisboa Filho foi um português que veio com a família para o Brasil, trazendo na memória as mais doridas recordações da terrinha querida. Depois de pouco tempo não podia nem ouvir falar no nome de Lisboa para não se desfazer em copiosas lágrimas. A família teve que levá-lo ao médico que, sabendo da causa do estado

emocional de seu paciente, recomendou que não se falasse, em sua presença do nome de Lisboa. Quando o nosso amigo foi ao banco, omitiu, de sua assinatura, o nome Lisboa, passando a escrever seu nome como Paulo Filho. Foi uma zoada danada mas, depois de muitas explicações e até mesmo a presença do médico, o gerente do banco consentiu que ele assinasse os documentos como Paulo Filho. Uns dois anos depois morreu seu filho, único e muito querido. Aconteceu a mesma coisa. Toda vez que tinha de escrever seu nome em algum documento ele se lembrava do filho e chorava que nem um bezerro desmamado. O médico teve que ir novamente ao banco, explicar tudo direitinho e o gerente concordou que o português assinasse os cheques apenas como Paulo. Passado algum tempo, sem nenhuma explicação, porque a natureza fala mais alto, o Paulo passou a assinar os cheques como LO. É que o *Pau*, com a idade, havia morrido...

42. Um dia, seu Joaquim, português dono da melhor mercearia de uma cidadezinha do interior paraibano, lembrou-se da *santa terrinha*, de seus familiares, de seus amigos, das bacalhoadas e, sem saber o que fizesse, tomou uma carraspana braba e adormeceu, completamente embriagado, num quartinho que tinha no bar. Lá para as tantas chegou outro bêbado que sentiu vontade de defecar. Como mal podia andar entrou no quarto onde estava dormindo seu Joaquim, defecou num pedaço de jornal. Como o quarto era muito escuro, ele fez um pacotinho com as fezes e tateando, encontrou seu Joaquim ferrado no sono. Com todo cuidado, pegou o embrulhinho, baixou as calças de seu Joaquim que estava dormindo de bruços e despejou as fezes. Quando seu Joaquim acordou no outro dia, ficou sem encontrar uma explicação para seu caso: como é que poderia haver defecado, ficando as fezes entre a calça e a cueca? Dizem até que, de tanto pensar, de tanto procurar uma explicação, seu Joaquim acabou ficando doido. Doido de pedra.

43. Uma vez o Manuelzinho foi flagrado pela mãe quando dava chocolate para as galinhas.

- Ó raios! Por que estás a *fazeire* isso?

- Ah! ... Estou a *alimentaire* as galinhas pra botarem gostosos ovos de Páscoa, mãe!

44. Há vinte e sete anos o Manuel só freqüentava aquele restaurante. De repente, começa a ir ao concorrente, do outro lado da rua. O dono do primeiro restaurante o aborda, na rua:

- Ó Manuel, o que foi que houve? Será que as nossas refeições não estão lhe agradando mais?

- Não. Não há nada de errado com elas. Estou apenas a *obedeceire* as ordens de meu dentista.

- Dentista? Como assim?

- Exatamente. Quando lhe mostrei os dentes que doíam, ele me mandou passar a *comeire* só do outro lado...

45. - Você sabe quantos portugueses são necessários para trocar uma lâmpada?

- Não.

- Cinco. Um, sobe na mesa e bota a lâmpada no lugar e os outros quatro rodam a mesa para enroscar a lâmpada no suporte...

46. Seu Manuel apareceu na farmácia e perguntou:

- Qual é o melhor jeito para *evitare* filhos?

- Ora, o mais simples é usar a *camisinha*...

O português comprou uma e foi embora. Um mês depois, volta à farmácia, p. da vida:

- O *senhoire* falou que usando a *camisinha* eu não faria filho! Mas acontece que a Maria está grávida novamente!

- O amigo usou a *camisinha* direitinho?

- Mas é claro, m'ô amigo! Uso todas as vezes que vou ter com a Maria. Só que esse troço é muito grande e eu tive que cortar a ponta que é para não *incomadaire*...

47. O português não agüentou mais ver o inglês contar tanta prosa a respeito das grandes invenções inglesas. Foi o inglês *sir* Fulano quem inventou isso. Lord Beltrano inventou aquilo. Até que o inglês mencionou o limpador de pára-brisa.

- Alto lá, m'ô amigo. O *limpadoire* de pára-brisa foi inventado por um português! O inglês apenas aperfeiçoou a invenção do patrício, botando o *limpadoire* pro lado de fora do carro! - explicou o português.

48. Seu Manuel andava muito gordo e procurou um médico especialista em regime alimentar, que lhe recomendou:

- O senhor deve comer normalmente durante dois dias. Depois, pule três dias e repita o mesmo durante duas semanas! Quando voltar aqui, terá perdido uns cinco quilos, no mínimo.

Para surpresa do médico, quando seu Manuel voltou ao consultório tinha perdido mais de dez quilos! Espantado, o médico pergunta:

- O senhor conseguiu perder mais de dez quilos só seguindo as minhas instruções? Mas, é incrível! Nem eu mesmo imaginava que isso fosse possível! ...

- Ora, pois. Só que no terceiro dia, pensei que ia *morreire*!

- De fome, seu Manuel?

- Que nada, seu *dotoire*... De tanto *pulaire*!

49. A Maria, desde que chegou de Portugal, trabalha como enfermeira, num hospital:

- *Dotoire*, o *senhoire* pediu anestesia local. Nós só temos dessa daqui. E na caixinha dela está escrito que ela foi fabricada na Alemanha. Serve?

50. Manuela, a nova empregada do Alfredão, era uma maravilha. Fiel, dedicada, boa cozinheira, era pouco exigente e trabalhava de sol a sol. Só que tinha uns probleminhas... Um dia, o Alfredão chegou em casa, não vendo o canário de sua estimação na gaiola, esbravejou:

- Quem foi que deixou a porta da gaiola aberta?

- Fui eu, patrão! - respondeu a Manuela. O *senhoire* não vive a *dizeire* que devo ter mais iniciativa? Abri a porta da gaiola pra *entraire* um pouco de ar...

51. Outro dia pegaram o Joaquim de quatro, na esquina, tateando o chão. Procurava algo em baixo da luz do poste. Um patrício, o Antônio, se aproxima e pergunta:

- Perdeste alguma coisa, patrício?

- É que perdi a minha aliança. Se a Maria descobrir, eu estou perdido, ó Antônio!

- Que lástima! Deixa que eu te ajudo a *procuraire* - diz o amigo.

Os dois portugueses levaram um bocado de tempo tateando o chão. Já cansado, Antônio pergunta:

- Ó Joaquim! Tu tens mesmo certeza de que perdeste a aliança aqui?

- Não, Antônio; perdi a aliança alí adiante. Mas como lá não tem luz, não adianta *procuraire*, não é?

52. Você sabe que computador, em qualquer parte do mundo tem memória. Menos em Portugal. Lá, computador tem uma vaga lembrança.

53. O Manuel e a Maria resolvem ir ao Teatro Municipal. Percebendo estarem atrasados, o marido pede à mulher que se apresse. Após muitos retoques, a Maria termina de se arrumar e eles se dirigem às pressas para o teatro. Ao entrarem, o apresentador está anunciando:

- Ouviremos a Quinta Sinfonia de Beethoven!

Irritado, o Manuel ralha com a Maria:

- Estás vendo, mulher? Por tua causa perdemos as outras quatro!

54. O Manuel chega ao chaveiro e pede:

- Seria possível o *sinhoire* abrir a porta do meu carro, pois travou-se com as chaves dentro?

- Pois não, senhor. Se puder aguardar um instante...

- Mas seja breve, por *favoire*. Parece que vai *choveire* e o meu carro não tem capota, ora pois!

55. O Manuel compra um açougue. Um dia, chegam gritando em sua casa:

- Seu Manuel! Seu Manuel! O seu açougue está pegando fogo!

- Ora, não tem importância. A carne lá está na geladeira!...

56. Um português decide atravessar o canal da Mancha a nado. Quando está na metade do caminho se sente sem forças e decide:

- Acho melhor *voltaire*, do contrário vou *morreire* afogado!

57. Depois de sair com a nova namorada, quando estão deixando o motel, o português pergunta prá ela:

- Por acaso, tens AIDS?

- Claro que não. Por que? - diz a moça.

- Porque já peguei uma vez e não quero *pegaire* de novo! ...

58. O Manuel vai a uma festa grã-fina. Ressabiado, com medo de dar algum fora, fazendo alguma coisa errada, fica observando como os outros convidados se comportam. O jeito correto de comer, de beber, de sentar, tudo. Mais tarde o anfitrião vem cumprimentá-lo:

- E aí, Manuel, está sendo bem servido?

- Olhe, pá! Eu nunca comi tão bem! Só daqueles palitinhos, que pessoas comem escondido, tapando a boca com uma das mãos, eu já comi uns vinte!

59. O Manuel vai ao cinema pela primeira vez. Na bilheteria, compra o ingresso. Daqui a pouco ele volta e compra mais outro. Não se passam nem dois minutos quando o Manuel volta e compra o terceiro ingresso. A moça da bilheteria reclama:

- Por que o senhor não compra logo todas as entradas de uma só vez?

- A culpa não é minha, senhorita! É que tem um gajo alí na porta que, toda vez, me toma o bilhete e rasga...

60. A portuguesa, recém-casada, quando vai dormir pede ao marido:

- Ó, Manuel! Me mata com aquele troço de *fazeire* xixi!...

O português não teve dúvida. Pegou o vaso que estava debaixo da cama e com ele deu um bruta pisa na Maria, que teve de ser hospitalizada.

61. O Joaquim era barbeiro lá em Lisboa, mas um dia não quis mais saber de cortar cabelos e aparar os bigodões de seus patrícios. Vendeu tudo que tinha e veio para o Brasil com a finalidade de começar uma nova vida. No Rio de Janeiro, uma semana depois, comprou um táxi. Logo no primeiro dia quando ganhou a rua à procura de trabalho, fez uma besteira qualquer. Um companheiro de profissão esbravejou:

- Você está na contramão, *barbeiro*!

- Ó raios! Como é que o gajo me conhece? Será que ele é de Lisboa? - pensou o Joaquim.

62. O Manuel vai ao cinema, à tarde. Entra e não enxerga um palmo na escuridão. Fica parado, de pé, esperando acostumar a vista. O lanterninha vem ajudá-lo. O Manuel vê aquela luz se aproximando, se aproximando... e pimba! Pula com todo corpo no colo de um casal que comia pipocas. Foi a maior confusão da paróquia. Voa pipoca para todos os lados, todos reclamam. Então, o Manuel se explica:

- Desculpem, m'ôs amigos! É que se eu não saio da frente, aquela bicicleta ía me *atropelaire*...

63. O Manuel resolve dar uma paradinha para tomar um cafézinho. O cara pergunta;

- Açúcar ou adoçante?

- Açúcar, é claro! Adoçante engorda a gente!

- Mas, meu amigo, o senhor está enganado. É justamente o contrário: os adoçantes não engordam...

- Deixe de ser burro! Nunca o *senhoire* reparou que somente os gordos é que usam adoçantes?

64. - Então, Manuel, como tem se sentido com os banhos que lhe receitei?

- Muito bem, *doutoire*. Só que fico com o corpo todo pegajoso.

- Pegajoso? Como assim?

- Eu acho que por causa do açúcar...

- Açúcar? - indagou o médico.

- O *senhoire* não me mandou *tomaire* banhos de água doce?

Ora...

65. Casados há muito tempo. Manuel e Maria estavam achando a vida sexual monótona demais. Por isso, resolveram sair da rotina, variar, usando imaginação. Uma noite, Manuel teve uma idéia:

- Maria! Esta noite vamos brincar de amantes.

- Uma boa idéia, ó Manuel!

Quando estavam no melhor da festa, a campainha tocou. Maria, que estava gostando muito da brincadeira, falou:

- Aí, m'ô Jesus! Só pode ser meu marido!

Manuel, com os olhos esbugalhados, se levanta, abre a janela e pula, sem se lembrar que seu apartamento ficava no oitavo andar...

66. Pouca gente sabe, mas durante a II Grande Guerra, os portugueses também construíram seus campos de concentração. Num desses campos, um homem é condenado à morte. Morte por gás. O condenado é levado a um pequeno quarto com as portas e janelas abertas. Estranha e pergunta:

- Como é que vou *morreire* com gás se as portas e as janelas estão abertas?

- Vas a *veire*, ó gajo! Fique de pé, bem em cima desse x marcado no chão.

O prisioneiro faz o que lhe foi ordenado e Manuel, o algoz, corta uma corda e um botijão de gás acerta na cabeça do condenado.

67. O Manuel está na escada rolante do *shopping* quando falta energia elétrica. O português fica em pé, esperando a energia voltar e acionar a escada rolante. E o Joaquim, que está lá embaixo observando, aconselha:

- Ô Manuel! Por que tu não esperas sentado no degrau de escada pra não te *cansaire*?

68. E o Manuel entra, a toda velocidade, numa contramão. O guarda apitou e perguntou ao português:

- Onde é que o senhor pensa que vai?

- Bem, seu guarda, eu estava a *ire* ao cinema, mas parece que me atrasei. Está todo mundo a *voltaire*!...

69. De tudo quando o Joaquim Manuel viu no Brasil, o que ele achou mais bonito foi um vagalume, que acendia uma luzinha sem precisar de bateria. Voltando a Portugal, para visitar a família, pensou numa lembrança, numa coisa do Brasil que causasse a admiração de todos e o vagalume ganhou sua preferência por vários motivos: ter luz própria, não pagar transporte por ser pequeno e nada custar. Nas vésperas da viagem pegou dois vagalumes, colocou-os em uma caixa de fósforos que foi guardada no bolso do colete. Quando chegou na sua aldeia, depois de falar com todos, explicou:

- Eu queria trazer para vocês uma coisa extraordinária que existe lá no Brasil. Um inseto chamado vagalume ou caga-fogo (com licença da palavra!). Ele está aqui, nesta caixa de fósforos. Pegou a caixa, abriu e, dentro dela nada havia. Os vagalumes haviam fugido porque

alguém abri-la a caixa. O Joaquim Manuel só teve uma explicação para o caso:

- Não é que os gajos não estão mais aqui! Eu acho que esqueci de botar a comida deles e quando a fome apertou, um comeu o outro e o outro comeu o outro...

70. - Por que português usa caneta atrás da orelha ?

- É pra *fazendeiro* conta de cabeça, ora pois...

71. Um português veio ao Brasil com a finalidade de conhecer as riquezas e belezas da antiga colônia lusa. Andou por todas as regiões, pelos lugares mais pitorescos, fotografando tudo, colecionando curiosidades, comprando visitas e cartões postais dos recantos mais aprazíveis, dos animais mais interessantes da fauna, como as flores mais belas da flora.

Antes de voltar a Portugal acertou com o cônsul para lhe enviar tudo aquilo que, por acaso, os seus amigos e familiares considerassem mais interessante. Lá, na velha Lusitânia, sua mulher e filhos se interessaram, a uma só voz, por um tucano. O português, então, escreveu para o cônsul que lhe mandasse um exemplar daquele bicho da BICA grande, e o cônsul não poderia fazer outra coisa senão o que fez: no primeiro pacote despachou um jumento para a terra de Camões.

72. O Joaquim estava de saco cheio de viver na cidade. Concluiu que era muito melhor viver no campo, no meio da natureza, respirando ar puro. Pede emprego numa fazenda, onde perguntam:

- Entende de animais?

- Sim, *sinhore* - garante o Joaquim.

No primeiro dia de trabalho o dono da fazenda dá um banquinho e um balde ao *portuga* e ordena:

- Vá ao curral tirar leite!

Meia hora depois o fazendeiro escuta um barulho enorme no curral. O fazendeiro sai correndo para ver o que aconteceu. Lá chegando, verificou que o balde estava vazio:

- Ainda não tirou o leite, Joaquim?

E o português se justifica:

- Esta vaca é muito teimosa, patrão. Não há meio de *ficaire*

sentada no banquinho!

73. O Joaquim dá maior bronca:
- Não foste à última reunião do clube, Manuel?
- Se eu soubesse que era a última, teria ido, ora pois!
74. Quando o Manuel Joaquim abriu seu restaurante, mandou logo fazer uma grande placa que dizia assim: "FECHADO PARA O ALMOÇO - DAS ONZE ÀS TREZE HORAS.
75. Depois de passar um ano estudando nos Estados Unidos, um jovem lusitano chega em casa, em Lisboa, e esnoba:
- Como vai o Al, pai?
- Mas que Al, menino? - indagou o pai.
- O Alfredo, pai...
Depois de uma meia hora, o jovem pergunta:
- E a Kat, pai? Cadê?
- Mas, que Kat, imbecil? - pergunta o pai, já irritado.
- Catarina, pai! ...
- Ah! A Kat está na cozinha, com a Kity - respondeu o pai.
- Que Kity, pai? - estranha o rapaz.
- A Kity pariu, porra!
76. Um cara entra no bar e pede ao dono, o Joaquim:
- Quero um misto frio!
- Vai *demoraire* uns vinte minutos, *sinhoire* - avisa o português.
- Mas prá que tanto tempo de espera? - estranha o frêgues.
- É que a chapa está quente e vai *levaie* um bocadinho de tempo para *esfriaire*...
77. A Maria chega pro marido e pede:
- Ó, Joaquim! S'rá que tu podes me *ajudaire* a botar remédio no buraco do rato?
- Sim, Maria! ... mas tu seguras o bichinho?

78. O Joaquim tinha uma loja de revenda de carros. Poucos empregados e não havia meio de alguém ficar de plantão na hora do almoço. Um dia, o *portuga* teve a idéia de botar a seguinte placa na porta : "Saí pra *almoçaire*. Se não souberes ler, espera-me que lerei pra ti".

79. Em plena campanha, o político português visita uma clínica de tratamento da Aids. Em frente à multidão, espeta no seu próprio braço uma seringa com sangue contaminado. Um assessor pergunta se ele endoidou. E o *portuga*:

- Eu me preveni. Estou a *usaire camisinha*! Não sou bobo!

80. Decidiram implantar a pena de morte na cadeira elétrica, lá, em Portugal. Um dia, dava pra se ouvir gritos terríveis do lado de fora do prédio destinado para as execuções. Um turista que passava por ali ficou espantado com aquilo. Chama um guarda e pergunta:

- Por que esses gritos terríveis ? O que está acontecendo ali dentro, afinal?

- É uma execução na cadeira elétrica - explica o guarda.

- Mas isto não costuma ser rápido?

- Sim. Mas está a *faltaire* energia elétrica e eles estão executando o gajo à vela...

81. O jornaleiro, um menino mirradinho, berra em frente à padaria de seu Joaquim:

- Extra! Trinta adultos enganados por um menino!

O *portuga* escuta aquilo e pede pro moleque:

- De cá um *exemplaire*!

Quando seu Manuel volta à padaria e vai ler o jornal, descobre que é do dia anterior. Fica p. da vida e sai atrás do jornaleiro. Só dá para escutar o moleque gritando:

- Extra! Trinta e um adultos enganados por um menino!

82. Tinha morrido um burro em plena praça daquela cidade do interior. Os dias se passaram e o burro já estava todo inchado e fedendo, mas nada de alguém tomar uma providência. O padre não aguenta mais e vai procurar o prefeito, um português chamado Antônio:

- Seu Antônio vim avisar que tem um burro morto lá na praça!
- E o *portuga*:
- Este negócio de defunto não é lá com a Igreja?
- E o padre:
- Sim... só que achei melhor avisar os parentes, primeiro...

83. Joaquina, apesar de bem *coroa*, tinha uma pele maravilhosa, de causar inveja a muita mocinha. Um dia, a Manuela pergunta:

- Conta pra mim, Quina... Qual é o segredo dessa tua pele?
- Ah! ... É simples. Todo dia eu tomo um banho de leite de vaca! É um santo remédio! - conta.

Depois de alguns dias, as duas amigas tornam a se encontrar. Só que a pele da Manuela não mudou nada. Joaquina estranha:

- Ô Manuela, tu não seguiste o meu conselho de *tomair* banho de leite de vaca?

E a Manuela:

- Tentei mas tá difícil. Só posso *tomair* o meu banho de leite quando o Antônio me ajuda...

- Por que?

- Porque só ele consegue pendurar a bichinha no telhado do banheiro, pá!

84. Manuel estava feliz da vida com negócio de supermercado. Um belo dia, uns pilantras arrombaram a porta, fizeram aquela limpeza, levando tudo quanto era mercadoria de valor. Um amigo, consola:

- Nossa! Que prejuízo, cara!

- Qual nada, compadre, até que eu tive um bocado de sorte...

- Sorte? Como assim?

- Imagina que eu ía *remarcair* os preços justamente esta noite!

Se o assalto fosse amanhã, aí, sim, meu prejuízo ía *sere* grande!

85. Durante o vôo para Lisboa, o avião entra em pane. Foi aquela confusão geral, todo mundo chorando, espermeando, gritando. E o Manuel tá lá, completamente tranqüilo, como se não estivesse acontecendo nada. Uma das mãos coça os bigodões e a outra segura um vidrinho. A aeromoça se aproxima dele, preocupada, e pergunta:

- O senhor não vai colocar o pára-quedas para saltar?

- Não se preocupe, 'stou prevenido! - garante o *portuga*.

Depois de alguns minutos, o avião se espatifou no chão. Entre os destroços, acharam a mão do *portuga*, segurando um vidro com o rótulo: "Xampu contra queda".

86. Em Lisboa, após um incêndio no pequeno prédio, os bombeiros, verificando os destroços, encontram apenas um morto, justamente o avô do Manuel, que estava de cabeça para baixo, com o dedo indicador apontando para um dos cantos do ambiente. Ao seu lado, um extintor de incêndio, com a seguinte instrução: "Em caso de incêndio, vire para baixo e aponte para a chama".

87. O Manuel presenteia a filha moça com um casaco de pele de raposa prateada. Satisfeitíssima, ela afaga o presente com as mãos, comentando:

- Como pode uma coisa tão maravilhosa vir de um animal tão pequeno, sem aparência, totalmente insignificante...

- Alto lá! Se tu não queres me *agradeceire*, vá lá. Mas também não precisa *ofendeire*!

88. O grupo de nações que estava em guerra no Golfo pediu ajuda a Portugal. Pediu que Portugal desse cobertura à invasão.

O presidente português não teve dúvida. Mandou um navio cheio de telhas...

89. Um amigo do Manuel lhe faz um convite:

- Ô, gajo. Estou a lhe *convidaire* para a festa de quinze anos de minha filha.

- Está bem, patricio. Eu irei. Mas só poderei ficar no máximo, uns dois dias, ora pois!

90. O pessoal que freqüentava o bar do Manuel pintava o sete com ele, contando piadas de português, centena delas, todas as noites. Um dia o Manuel não aguentou mais:

- Olhem aqui, m'ôs amigos! De hoje em diante não se conta mais piada de português aqui no meu bar, certo?

Mas tem gente arrenitente, que não desiste:

- Escute aqui, seu Manuel. Será que a gente pode contar piada

de japonês?

O *portuga* cofiou os vastos bigodões e disse que piada de japonês podiam contar. Então, um engraçadinho começou:

- Era uma vez um casal de japoneses, o Joaquim e a Manuela...

91. O *portuga* estava lá, sentado no banquinho da praça, debaixo de umas árvores. Ao lado dele, uma velhinha. De repente, um pombo que estava pousado numa das árvores faz cocô no paletó do coitado.

A velhinha vê o azar do cara, tira um pedaço de papel higiênico de dentro da bolsa e oferece:

- Por favor, use isto...

E o *portuga*:

- Não precisa! Como é que vou *sabeire* qual deles foi que defecou?

92. O Manuel, quando veio para o Brasil, deixou um gato lá, em Portugal, que era sua verdadeira adoração. Como não podia trazer o gato para o Brasil, ele deixou um patrício encarregado de tomar conta do gato.

- Olha, Joaquim, eu vou para o Brasil e tu *vás ficaire* cuidando do gato e me dando sempre notícias de como o gato vai passando.

No Brasil, o Manuel sempre recebia cartas dando notícias do gato. Manuel: o gato está bonito, o gato está gordo, o gato está isso, o gato está aquilo.

Um dia, quando chegou do trabalho encontrou uma carta do Joaquim: "Meu caro Manuel: Seu gato morreu. Abraços do Joaquim." O Manuel tomou um choque com a maneira brusca do Joaquim comunicar a morte do seu gato de estimação. E escreveu para patrício: "Meu caro Joaquim. Recebi sua carta dizendo que o gato morreu. Fiquei muito triste e achei que o amigo deveria ter dado a notícia de outra maneira, para que eu não sofresse o choque que eu sofri. Poderia *mandaire* uma carta dizendo que o gato estava doente. Na carta seguinte poderia dizer, como por exemplo, que o gato havia subido no muro, havia subido no telhado, etc.

Passado algum tempo, o Manuel recebeu outra carta do Joaquim: "Meu caro Manuel: Sua mãe adoeceu, subiu no muro, subiu no telhado." Na carta seguinte: "Sua mãe escorregou do telhado"...

93. O Joaquim e a Maria eram casados há dez anos. A Maria era completamente careca, mas o marido nem desconfiava, pois ela usava uma peruca que enganava o marido. Só que toda a noite, Maria tinha o trabalho de dar pro Joaquim um remédio pro cara *ferrar* num sono pesado, para que ela pudesse tirar a peruca e ficar mais à vontade.

Acontece que, um dia, a Maria acabou se esquecendo de dar o sonífero pro Joaquim. Mas, na hora de dormir, tirou normalmente a peruca. No meio da noite, Joaquim acorda, passa a mão na cabeça da mulher e sente a careca. Então, dá aquela bronca:

- Ó Maria! Tira essa bunda de cima do travesseiro!...

94. Manuel tira umas férias e vai visitar a *santa terrinha*. Depois de ver os parentes e de muito andar, volta com a mala cheia. Quando passa pela alfândega os fiscais cumprimentam o Manuel:

- Tudo *jóia*?

- Que nada, *senhoire inspetoire*! A metade é roupa!...

95. De saco cheio de ser chamado de burro, Manuel resolveu voltar à escola. Na aula de Ciências, o professor explica:

- O oxigênio é essencial para a vida animal. Ninguém pode viver sem ele. O oxigênio foi descoberto há pouco mais de um século!

Nisso, o Manuel, sentado lá no fundo da sala de aulas, levanta o braço:

- E antes da descoberta do oxigênio, como é que as pessoas viviam?

96. Um negão achou uma garrafa abandonada na praia. Ao abri-la, libertou um gênio português, que lhe concedeu um desejo:

- Quero ficar branco e ser amado por todas as mulheres brancas!

Imediatamente, o gênio lusitano transformou o coitado em bidê de motel...

97. O assaltante português entra num banco e ameaça:

- Todos no banheiro! É um assalto!

A mocinha do caixa explica:

- Mas acontece que aqui nós não temos banheiro!...

O assaltante guarda o revólver e lamenta, tristonho:

- Já vi que hoje não é meu dia de sorte!

98. Quando o Joaquim voltou dos Estados Unidos, um amigo perguntou:

- Então, Joaquim, que achou dos States?

- Uma maravilha, m'ô amigo. Mas passei por um grande aperto...

- Por que?

- Porque durante todo o tempo em que lá estive, não consegui *pensaire*.

- Por que, Joaquim?

- Por que eu não sei inglês, pá!

99. Aqueles dois *portugas* estão revoltados com as piadas que fazem com seus patrícios:

- Tu reparaste, Joaquim, como os brasileiros são pobres de imaginação? Sempre que contam uma piada de lusitano só sabem *botaire* dois nomes: Joaquim e Manuel!

- Tens razão, Manuel! Os gajos são muitos pobres de espírito...
- concluiu o Joaquim.

100. Um português passa pela porta de uma livraria e resolve entrar, quando escuta um cliente dizendo:

- Está bem! Eu vou levar este "Dicionário de Lógica"!

O português ficou intrigadíssimo... Chegou perto do cliente e perguntou:

- M'ô amigo, me diga lá... "Dicionário de Lógica"? O que é isto?

- Eu vou explicar. O senhor tem um aquário em casa?

- Tenho!

- Então, é lógico que o senhor tem peixinhos...

-Tenho!

- Então, se o senhor tem um aquário que tem peixinhos, é lógico que o senhor tem uma criança em casa.

- É verdade!

- Então, se o senhor tem um aquário com peixinhos e uma criança, é lógico que o senhor é casado!

- É verdade!

- Pois, então, é isso que é lógica!...

- Ai, que maravilha. Eu também vou levar um. Então, m'ô amigo, me traga *tambaim* um "Dicionário de Lógica"!

No momento exato em que o português está pedindo seu "Dicionário de Lógica", chega um outro cliente, que pergunta:

- Ouvi o senhor falar de um "Dicionário de Lógica". O que é isso?

- Eu vou explicar pro m'ô amigo. O senhor tem um aquário em casa?

- Não, senhor!

- Não tens, mesmo, um aquário em casa? - insistiu o português.

- Não, não tenho!

- Então, é lógico que és *veado*!... - concluiu o português, com ares professorais...

101. Era um brasileiro inteligentíssimo. Seu QI era mais de mil. Conseqüentemente, era uma pessoa intratável, não conseguia se entrosar com ninguém, não tinha amigos. Era, enfim, uma pessoa insuportável porque suas conversas eram de alto nível e ninguém conseguia entender o que ele falava. Ele, então, resolveu procurar um psiquiatra:

- Olha, doutor! Eu estou aqui com um problema, porque eu não consigo me entrosar neste mundo, eu não tenho amigos, eu não consigo me relacionar com ninguém e estou atribuindo isso ao meu QI altíssimo. Eu queria reduzir o meu QI...

O médico, que era um japonês, disse:

- Eu tenho uma máquina muito boa e que reduz o QI. Eu já tive problemas semelhantes e consegui resolvê-los. O senhor venha aqui amanhã e eu vou lhe programar direitinho e vai ficar uma pessoa normal.

No dia seguinte apareceu o brasileiro e o japonês o colocou na máquina:

- Olha! Toma conta aqui desta máquina. Quando o ponteiro chegar no número 100, você desliga - disse ao auxiliar.

O brasileiro entrou na máquina, fechou a porta. O enfermeiro, que estava tomando conta da máquina, viu que o ponteiro andava muito lentamente. Já tinha passado mais de uma hora e o ponteiro ainda estava em 995. Aí, o enfermeiro pensou: "Ainda vai dar tempo

de dar uma cochilada; esse ponteirinho anda muito devagar". E se encostou lá num canto e ferrou no sono. Dormiu, dormiu, dormiu. Lá para as tantas acordou todo assustado:

- Meu Deus! Tenho que ver a máquina!

Quando o enfermeiro chegou, a máquina estava marcando 5. Ele desligou a máquina rapidamente, apavorado, abriu a porta da máquina e ouviu uma voz:

- Ora pois, o que está a *aconteceire* aqui, ó gajo?

102. O Manuel Joaquim era um goleiro português muito famoso. Não deixava passar uma bola, cercava todas, era, finalmente um verdadeiro craque. E ficou conhecidíssimo em Portugal. Em qualquer parte aonde ele ía o povo pedia seu autógrafo, gritava seu nome, os fans queriam tirar pedaços de sua camisa e de seus cabelos. Ele gritava meio aborrecido com aquela situação. Então ele resolveu se disfarçar. Comprou uma peruca, uns óculos escuros, um bigode postiço, botou um boné e começou a sair pelas ruas de Lisboa. A idéia dele deu certo porque ninguém o reconhecia e ele andava tranquilamente pelas ruas e estava feliz da vida. Um dia, andando por uma das ruas de Lisboa, viu uma multidão parada defronte de um prédio, todo mundo olhando para o alto, para a janela de um apartamento, onde uma criança, cai não cai, balançava pra lá e balançava pra cá e todos estavam muito aflitos. De repente, a criança despencou lá de cima, veio caindo, caindo e o Manuel Joaquim deu um salto de classe, pegando o menino antes que ele se arrebentasse no chão. Pela classe do salto e pelo jeito de pegar a criança, a multidão conheceu o Manuel Joaquim e todos passaram a gritar: "Viva o Manuel Joaquim, o grande goleiro, um grande homem herói!" E o Manuel Joaquim se entusiasmou tanto que pegou o menino, picou três vezes, deu saltinho clássico e bateu o tiro de meta!...

103. Aquele político foi eleito presidente. O Manuel tinha sido um grande cabo eleitoral e ajudado bastante na campanha. Poucos dias depois da apuração das urnas que lhe deu a vitória, o novo presidente chama o português e anuncia:

- Manuel, você me ajudou muito nesta eleição. Por isso, quero lhe dar um cargo importante no meu governo. Pode dizer qual é a pasta que você prefere?

- Não tenho nenhuma preferência, *sinhoire* presidente. Para mim, qualquer marca serve, contanto que limpe os meus dentes...

104. O português estava no convés do navio que vinha de Portugal para o Brasil, quando o comandante avisou:

- Manuel, volte para Portugal que seu filho morreu!

Desesperado, ele pegou o bote que o transportaria pra outro navio. Mas, à noite, sozinho, na cabine do outro navio a caminho de Portugal, o português começou a pensar:

- Ó, raios! Por que 'stou cá? Em primeiro lugar não sou casado! Em segundo lugar, eu não tenho filhos! E em terceiro lugar, eu nem me chamo Manuel, pá!...

105. Metido a esperto, o português chegou ao Brasil e abriu uma leiteria. Enriqueceu dentro de poucos anos, botando água no leite para aumentar o volume. Um dia, resolveu voltar pra *santa terrinha* e pensou: "Que vou *levaire* pra Portugal?"

Além do saco de dinheiro que juntou, decidiu levar um macaco, que seria novidade. Durante a viagem o macaco pegou o saco de dinheiro e jogou no mar. Desconsolado e abraçado ao macaco, o português comentou, conformado:

- A água me deu, a água me levou...

106. Aquele casal de portugueses deu um duro danado e conseguiu fazer fortuna. Tinham uma conta bancária de fazer inveja a qualquer cristão, uma bonita casa de veraneio e moravam numa cobertura de luxo. Duas vezes por ano visitavam a *santa terrinha* para ver os parentes e amigos e matar a saudade. Foi numa dessas viagens a Portugal que eles resolveram ir à França. Em Paris, contrataram uma governanta francesa, uma moça muito bonita. A mulher do português achava muito elegante ter uma governanta. De volta ao Brasil, a mocinha caiu na farra e acabou engravidando. Um belo dia a francesinha deu às de vila-diogo e voltou para Paris, deixando o bebê na casa dos patrões.

Depois de muito pensar o que fazer com o menino, o português falou pra mulher:

- Acho melhor a gente *aprendeire* a falar a língua francesa...

- E por que? - perguntou a mulher.

- Para entendermos o menino quando ele começar a *falair*...

107. A moça era até bonitinha. Só que era banguela, o que era uma pena, na opinião do Joaquim.

- Seu Joaquim... eu perdi todos os meus dentes...

- Tem nada não, m'nina. No próximo domingo eu poderei *ajudaire* a procurá-los...

108. Numa mercearia perto da parada de ônibus, o freguês indaga:

- Por favor, seu Manuel, o senhor tem ratoeira?

- Tenho, mô amigo!

- Então me dê uma bem depressa que eu quero pegar o ônibus!

- pede o freguês.

- Sinto muito, mô amigo... Mas ratoeira tão grande assim, de pegar ônibus, eu não tenho, ora pois!...

109. O Joaquim veio para o Brasil, comprou um táxi e começou a trabalhar no Rio de Janeiro. Um dia, pegou uma passageira, uma senhora já idosa, que não tinha os dez reais para pagar a *corrida*. A velhinha só tinha mesmo nove reais. O Joaquim, dono de um coração muito bom, num instante encontrou a solução do problema:

- Tem nada não, minha senhora. Eu vou *daire* um ré de um real e a senhora só paga mesmo os nove reais que tem na sua bolsa, ora pois!

110. O Joaquim Manuel, sentindo fome, na rua, procurou lanchar. Pediu um cachorro-quente numa das barraquinhas da praça. Só que o Joaquim Manuel nunca havia visto um cachorro-quente em toda sua vida. Mas como estava escrito na tabuleta ele fez seu pedido. Quando recebeu o lanche, abriu o pão e verificou a presença da salsicha e disse, nervoso:

- Ora, m'ô amigo! Não tens outra parte do cachorro para me *daire*?

111. Na parada de ônibus, o Manuel Joaquim encontra um patrício e lhe diz, preocupado:

- Sabias, ô patrício, que o ônibus vai aumentar outra vez?

- Não me digas, patrício. E de que tamanho o ônibus vai *ficaire*?

112. O freguês chega na farmácia de seu Manuel e pede:
- O senhor tem algum remédio para as minhas lombrigas?
- Pois, não... Mas o *sinhoire* me diga primeiro o que é que as bichinhas estão sentindo... - indagou o farmacêutico lusitano cofiando os bigodes.

113. O Manuel chega na casa do patrício muito nervoso, esfregando as mãos, com a respiração difícil.

- O que está a *aconteceire*, ó Manuel? - indagou o patrício.

- Ó Joaquim, hoje foi meu dia de sorte. Imagine você que eu estava a *saire* de um motel acompanhado de uma mulher e tanto quando vi a Maria, minha mulher, que estava a *entraire*. Me escondi atrás de uma coluna e graças a Deus ela não me viu. Não é ter muita sorte?

114. O Joaquim encontra o Manuel e, todo contente, lhe diz:

- Acabo de *compraire* um apartamento de cobertura!

- Em que *andaire*, ô Joaquim? - pergunta o patrício.

115. Os operários estavam demolindo um enorme casarão em Lisboa quando topam com um paredão que esconde um esqueleto com uma medalha pendurada no pescoço. Sabem o que estava escrito nela?
JOAQUIM DE OLIVEIRA - CAMPEÃO MUNDIAL DE
ESCONDE-ESCONDE - 1903

116. O presidente de uma multinacional lusitana faz seu discurso de aniversário na direção da fábrica: - "Quando assumi a direção desta fábrica, estávamos à beira de um abismo. Mas, graças ao meu trabalho e à ajuda de todos, conseguimos *daire* um passo à frente!..."

117. O brasileiro foi a Portugal pra conhecer os primos que nasceram depois que sua família veio para o Brasil. Os que lá haviam ficado prosperaram economicamente. Ficaram todos milionários. Em Lisboa ficou hospedado numa verdadeira mansão, com todo o conforto possível e imaginável, mercedes à disposição, tudo. Na mansão, ficou intrigado com duas piscinas olímpicas, sendo que uma delas estava sempre vazia. O brasileiro perguntou a um dos primos portugueses:

- Por que aquela piscina está sempre vazia?

- Ora, pois... Aquele piscina está vazia porque é destinada às p'soas que não sabem *nadaire*, pá!

118. O Joaquim chegou no Brasil e, depois de dez anos de trabalho, juntou o dinheiro necessário para montar um motel. Aí é que ganhou dinheiro!... Entusiasmado com o negócio, escreveu para o primo, em Portugal, dizendo-lhe para vender o que tivesse embarcasse para o Brasil, para explorar um negócio muito lucrativo. Quando seu primo Manuel aqui chegou, o Joaquim foi logo lhe explicando o que era o motel, como funcionava, etc. E o Manuel resolveu também explorar o mesmo ramo. Depois de uns três meses, os dois se encontram e Joaquim nota que o Manuel está triste, cabisbaixo:

- Então, ó Manuel, como é que vai o negócio? Já estás rico?
- Que nada, Joaquim. O motel só está a me *daire* prejuízo...
- Então, vamos a *veire* o que está acontecendo com o teu motel,

pá!

Quando chegaram ao motel do Manuel, lá estava escrito em letras bem grandes: MOTEL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA...

119. O Joaquim e o Manuel estavam numa mesma bicicleta, isto é, o Joaquim estava dando uma carona ao Manuel. E foram andando, foram andando até que apareceu um morro para subir. Então o Manuel disse assim:

- Ó, Joaquim! Tu vás dirigindo e eu vou empurrando a bicicleta. Tu és mais magrinho e eu sou mais forte, vou empurrando.

Empurrando a bicicleta ladeira acima, o Manuel achou que a bicicleta estava muito pesada... um peso louco... um morro muito difícil de subir. Mas, até que enfim, conseguiram subir o morro.

- Ô Diabo, que bicicleta pesada! E tu não ajudaste nada, Joaquim!

- Como não ajudei! Eu vinha apertando os freios o tempo todo que era para a bicicleta não andar para trás, ora pois!

120. Resolveram, no Rio de Janeiro, fazer um concurso para escolher o pára-quadras mais original. A cidade toda se enfeitou, a notícia esteve na primeira página dos jornais durante muito dias e começaram a aparecer concorrentes do mundo inteiro. No dia das provas o locoutor

do serviço de som anunciou:

- Vai pular agora o representante inglês!...

Quando o inglês saltou, abriu um pára-quadras que era uma cópia fiel da coroa da Inglaterra. O pára-quadras foi muito aplaudido, todo mundo achou muito bonito.

- Agora - anunciou o locutor - vai saltar o pára-quadrista dos Estados Unidos!...

Aí o concorrente saltou e quando seu pára-quadras abriu era o desenho da nota de um dólar. Muitos aplausos, foguetes, palmas, etc.

- Agora, muita atenção, vai saltar o representante do Brasil!...

O pára-quadras brasileiro era uma bandeira do Flamengo e que foi muito aplaudido com uma enorme e prolongada salva de palmas, muitos foguetes, uma verdadeira festa.

- Dando prosseguimento ao concurso, vai se apresentar agora o representante de Portugal, a Pátria Irmã!

Aí o português saltou e o pára-quadras não abriu. E o português foi caindo, foi caindo e se espatifou no chão. Aí todo mundo correu para socorrer o português e quando chegaram perto dele constataram que seus cabelos estavam muito bem arrumadinhos e sua mão direita fechada. Depois de muito esforço conseguiram abrir a mão do pára-quadrista português e verificaram que ele segurava um pequeno frasco onde se podia ler: PARA QUEDA DE CABELOS... A suposta originalidade levou-o à morte.

121. Um português morreu em consequência de um erro médico. Os médicos se enganaram com os sintomas, deram remédios errados e o

portuga viajou para a *cidade de pés juntos*. A família aceitou as desculpas dos médicos e mandou colocar no mausoléu do Joaquim Manuel uma lousa com o seguinte: "Aqui jaz quem não jazeria se jazesse a medicina."

122. Dois caras um falando para o outro:

- Você sabe que o português só toma banho no inverno e no verão?

- Nem imagino... - respondeu o outro.

- É que as fábricas de chuveiro só escreveram as posições da chave para INVERNO E VERÃO. Esqueceram de PRIMAVERA e OUTONO.

123. O Manuel havia visitado a Itália e voltara encantado com tudo que vira nas cidades que conheceu. Chegou, então, a vez de mandar seu irmão Joaquim fazer a mesma *tournée*. O Manuel já havia contado ao Joaquim uma série de informações, de dicas, para melhor o irmão conhecer a Itália. No dia do embarque, quando o navio já estava levantando âncoras e, em seguida, já se afastando do porto, gritava o Manuel para o Joaquim:

- Olhe, não esqueça de visitar as catacumbas! Não deixe de visitar Veneza! Não esqueça de visitar o Cu(o)liseu!...

A essa altura, o navio já estava distante e o Joaquim não ouvia mais o que lhe dizia Manuel, aos gritos:

- Visitar o que, Manuel? - indagava o Joaquim, aflito.

- Visitar o cu(o)liseu, ó Joaquim! - gritava o Manuel com as mãos em concha.

- Visitar o cu de quem, ó Manuel! - gritou o Joaquim.

124. Os engenheiros de toda a Europa se reuniram para homenagear um colega português que foi o inventor da asa de um avião que sempre que eles fabricavam aquela asa quebrava sempre no mesmo lugar. Tudo quanto era engenheiro procurou achar um meio diferente, dar um jeito de a asa não quebrar mais e ninguém conseguia. O engenheiro português descobriu: fez a asa picotada. Quando foi no dia do teste o avião subiu, virou de um lado, do outro, fez parafuso e a asa não quebrou mais. Quando foi nessa festa, todo mundo perguntava ao engenheiro português:

- Como é que foi? De onde é que o senhor descobriu essa idéia de fazer a asa toda picotada assim, e ela não quebrar mais no mesmo lugar.

Aí, o engenheiro português explicou:

- Vocês nem imaginam de onde é que eu fui tirar essa idéia. Essa idéia eu tirei foi do rolo de papel higiênico, rapaz, que nunca arrenbenta na parte picotada...

125. Um brigadeiro português botou uma turma toda para voar de avião. Na frente de toda a turma deu as últimas instruções:

- Olhem aqui! Vocês vão voar e vão voar mais ou menos uma meia hora. Depois de uma meia hora de vôo, vocês vão pular todos de pára-quadras. Pois pulem, contem até dez e puxem a cordinha do

pára-quadras. Quando vocês chegarem lá em baixo, já está um caminhão à espera de vocês!...

E assim saiu a turma toda correndo, pegou o avião que se arrancou com todo mundo. Depois de meia hora de vôo o piloto falou:

- Estamos próximos do local. Preparem-se para saltar!

Os soldados se prepararam, foi aberta a porta do avião e dada a ordem:

- Podem *saltaire*!

Saltou todo mundo e o Joaquim pulou também. Contou até dez, puxou, várias vezes, a cordinha do pára-quadras e o pára-quadras não

abriu. E o chão ficando cada vez mais perto. O Joaquim não se aguentou:

- Raios me partam! Só me falta agora o caminhão não se encontrar lá em baixo nos esperando!...

126. O telefone tocou e o Joaquim foi atender:

- Quem está lá?

- Aqui é o Manuel e aí?

- Aqui é o Joaquim!...

- Quem? O telefone não está muito bom, não. Fale mais alto!

- Um momento, por *favoire*!

- E agora, estás a me *escutaire*, ô gajo?

- Fale mais alto, ó homem!

- Um momento, ora pois! E agora, estás a me *escutaire*?

- Fale mais alto, por *favoire*! O telefone não está bom. Não estou escutando nada...

- Ó, m'ô amigo! Eu não posso *falaire* mais alto, não! Eu já estou em cima do guarda-roupa, pá!

127. O Joaquim estava debruçado no balcão de sua quitanda, quase tirando uma soneca e, quando abriu os olhos, notou que estavam à sua frente três moças de meia idade, bem vestidas e vistosas.

- Boa-tarde, seu Joaquim... - falou uma delas.

- Boas-tardes, senhoritas! - respondeu o Joaquim. O que desejam?

- Estamos pedindo um auxílio. Nós somos irmãos de Cristo...

O Joaquim esfregou os olhos para ter a certeza de que estava realmente acordado, olhou novamente as moças e falou:

- Não quero *faltaire* com o devido respeito. Mal posso acreditar que sejam irmãos de Cristo, porque estão muito bem conservadas...

128. Durante os dias tenebrosos da II Grande Guerra Mundial as nações européias só pensavam em aumentar seu potencial bélico. Cada país procurava aumentar seu poderio militar, adquirindo armas, mais aviões, mais navios. E a França, por sua vez, também cuidou de construir a sua linha Maginot, com a intenção de defender a sua soberania. Os portugueses pensaram, pensaram e resolveram construir a linha Salazar, uma série de fortificações nas fronteiras com a Espanha. Gastaram uma nota preta. Mas no dia de inauguração da Linha Salazar descobriram que haviam colocado os enormes canhões todos voltados para Portugal e não para a Espanha. Então o Sr. Ministro da Economia de Portugal só encontrou uma solução: vender a Linha Salazar à Espanha, para não ter prejuízo...

129. Dois amigos portugueses se encontram para jogar tênis.
Voltaram descalços...

130. O jogo é entre o Brasil e Portugal. O juiz marca uma *falta*. Os portugueses fazem a barreira e ficam todos de costas para a bola e de frente para o seu gol. O juiz acha estranho e pergunta a um jogador da barreira se vão ficar todos de costas para a bola. Ele:

- E o senhor acha que somos bobos de *perdeire* um goloço desse?

131. Dois assaltantes - um brasileiro e o outro, português - entram numa residência, na calada da noite. Os dois estão na maior escuridão, recolhendo a prataria e outros objetos de valor, quando o brasileiro deixa uma peça cair no chão, fazendo um barulho danado. O dono da casa acorda, sobressaltado, e pergunta de cima, do primeiro andar:

- Tem alguém aí?

E o brasileiro, muito malandro, imita o miado de um gato, o bastante para que o dono da casa voltasse a dormir. Alguns minutos depois o português derruba uma cadeira. O dono da casa acorda

novamente e pergunta, lá de cima, da escada:

- Tem alguém aí?

E o português, apavorado, falou:

- É o gato, meu *sinhoire!*...

132. O Joaquim não teve muita sorte quando chegou ao Brasil. Com o pouco dinheiro que trouxe comprou uma carroça e um cavalo e, a duras penas, ia ganhando o pão de cada dia. Um dia, encontrou um patrício que já estava melhor de vida, estava estabelecido com uma pequena mercearia. Joaquim, então, contou as aperturas pelas quais estavam passando e o patrício deu-lhe um conselho:

- Por que o amigo não vende o cavalo? Você economiza a comida do cavalo e, finalmente, tudo que o cavalo faz você é capaz de também *fazeire*.

O Joaquim seguiu o conselho do patrício, vendeu o cavalo e passou a puxar a carroça. E um belo dia encontrou o Manuel que perguntou:

- Então, Joaquim, eu não disse que tudo que o cavalo fazia o amigo seria capaz de *fazeire*?

- Quase tudo, Manuel. Até agora eu só não consegui *fazeire* foi *cagaire* andando...

133. A Maria, esposa do Joaquim, andava sentindo umas coisas, incômodos de mulher. Um dia resolveram ir ao médico. No consultório, o doutor começou a fazer as perguntas de praxe. Às tantas, perguntou:

- A senhora urina com abundância?

- Não, *dotoire*. Ela urina pela bucetância mesmo...

134. Um português muito rico visitou o Rio de Janeiro. Lá, numa praça, encontrou um malandro carioca que, depois de muita conversa, vendeu ao lusitano a praça, prometendo entregá-la em Portugal. De volta à *santa terrinha*, o português cansou de esperar que o brasileiro mandasse “sua” praça que havia comprado por um bom dinheiro. E como os meses se passavam e a praça não lhe fosse entregue, escreveu para um patrício contando toda a estória. O patrício foi até a praça, que estava toda esburacada para a construção de uma estação do metrô. Não perdeu tempo. Telegrafou para o conterrâneo: “Não te preocupes

pt. Tua praça já está sendo encaixotada pt. Um abraço. Joaquim.”

135. Não satisfeito com a mercearia que não estava dando lucro, o Manuel vendeu um negócio e adquiriu um armarinho. Um dia, apareceu uma mocinha, muito tímida, que perguntou:

- O Sr. tem uma meia-calça?

O português pensando que a menina estava lhe gozando, respondeu, aborrecido:

- E por acaso a menina tem meia-bunda?

136. O Manuel foi morar numa república de estudantes. Um dia, foi dormir e deixou a porta do quarto aberta. Foi o bastante que um estudante, bem de mansinho, lhe passasse um pouco de fezes no seu farto bigode. Quando amanheceu o dia, o português começou a sentir uma catinga horrível. Irrequieto, abriu a janela do primeiro andar onde ficava seu quarto e respirou bem forte. A catinga aumentou ainda mais e ele falou com seus botões:

- E eu estava a *pensaire* que eu é que estava a *fedeire*. Mas é o mundo todo...

137. Dois turistas portugueses se encontraram em Paris. Um deles falou:

- Sabes, ó Manuel, faz uma semana que estou em Paris e ainda não fui ao Louvre...

- São os seus intestinos que estão estranhando a comida daqui, patrício.

138. O Manuel diante do Juiz ouve a sua sentença:

- Como as provas apresentadas contra o réu são insuficientes para condená-lo, eu o absolvo. Está encerrada a reunião deste Tribunal.

Contente, o Manuel se dirige emocionado ao meritíssimo Juiz:

- Quer *dizeire* que agora eu posso ficar com aquele dinheiro todo?

139. O Joaquim vivia dizendo para o Manuel que a causa de seu nervosismo era falta de mulher.

- Olha cá, Manuel, tu tens é que *arranjair* uma mulata daquelas para dormires com ela.

O Manuel levou a sério o conselho e saiu à caça. Semanas mais tarde, depois de muito papo e muito investimento, ele conseguiu marcar

um programa com uma supermulata. Mas, horas antes do encontro ele telefona meio desanimado para o Joaquim:

- Olha, Joaquim, veja como estou de azar. Logo hoje que eu arranjei uma bela mulata para *dormire* comigo, estou completamente sem sono!

140. O Joaquim havia acabado de comprar o boteco e estava todo satisfeito, porque sabia que dentro de alguns anos seria dono de uma imensa rede de supermercados. Nesse ínterim, entra um malandro e pede uma cachacinha. O Joaquim bota a cachacinha e o freguês não aceita. Pede uma cerveja. O português traz a cerveja que o malandro bebe e, com a maior *cara de pau* deste mundo, sai sem pagar. O Joaquim, irritado, sai atrás do esquecido:

- O *senhoire* esqueceu de pagar a cerveja!

Com a maior cara de santo da paróquia o malandro falou:

- O senhor esqueceu que eu troquei a cerveja pela cachaça...

- Ora, pois! Mas a cachaça o *senhoire* também não pagou!

- É claro, meu amigo! Eu não bebi...

141. Os dois estavam casados há quatro anos e cada ano nascia um filho. Um dia a Maria fechou o jornal e falou muito sério para o Manuel:

- Olha aqui, ô Manuel. Vamos *paraire* com esse n'gócio de filhos, que eu não quero ter o quinto filho...

- Mas, por que, ô Maria, tu não gostas de crianças? - indagou o Manuel, surpreso.

- Mas é que não gosto de ter chineses em casa.

- Chineses? - gaguejou ainda mais surpreso o marido.

- É, sim *sinhoire*. Tu não leste o jornal? Então não sabes que de cada cinco crianças que nascem no mundo, uma é chinesa?

142. Aconteceu durante uma cerimônia pública na Inglaterra. Numa carruagem toda engalanada e embandeirada, estavam a rainha e o representante de Portugal, o embaixador Joaquim Manuel. De repente, um dos cavalos que puxavam a carruagem soltou um *pum* terrível. A

rainha, muito sem graça, procura se desculpar.

- I'm sorry, mister. Excuse-me. Sinto muito, senhor embaixador.

- Não tem nada, majestade. Eu cheguei a *pensaire* que tivesse sido o cavalo...

143. Os estudantes de um liceu vão visitar um museu em Lisboa. O guia, muito atencioso, vai mostrando tudo, muito gentil.

- E aquele esqueleto lá, de quem é?

- Aquele esqueleto é do grande poeta da nossa pátria, o Luís de Camões.

- E aquele menorzinho, ao lado dele?

- Aquele menorzinho, é do Camões quando era criança...

144. O Manezinho recebeu, de sua mãe, a incumbência de fazer umas compras no supermercado. Chegou a hora de atravessar a rua ele ficou uns dez minutos, olhando para um lado e para o outro, sem passar. Um guarda que estava na esquina, vendo aquele garoto ali parado, olhando para um lado e para o outro, quis ajudá-lo:

- O que é que há, meu filho? Você quer atravessar a rua, é?

- Quero, sim senhor.

- E então, por que é que você não atravessa?

- É porque a mãe disse que eu só atravessasse a rua depois que os carros passassem. E até agora não passou nenhum...

145. Esta quem me contou foi o dentista Paulo Lapa, de Olinda: Um português tinha um dente com uma cárie enorme e gostava muito de chocolate. Mas bastava pegar num chocolate o dente já começava a doer. Quando comia o chocolate a dor era tão forte que ele começava a ver estrelas. Um dia o português juntou toda a sua coragem e foi ao dentista e mandou extrair o malvado do dente. Feita a extração o português pediu que o dentista embrulhasse o dente que, com muito cuidado foi levado pra casa. Lá, ele pegou o dente e enterrou numa barra de chocolate e falou:

- Dói agora, miserável, que quero *veire*... Dói, seu f. da puta!

estórias de brasileiros



1. São Pedro resolveu mudar a porta de céu. É que a porta já estava muito velha, precisando de uma reforma. Ele, então, abriu uma

concorrência. O primeiro candidato que apareceu foi um português que, depois de medir aqui, ali, fazer suas contas, apresentou um orçamento de três mil dólares. Depois, apareceu o segundo candidato, um americano que, depois de medir tudo e fazer seus cálculos, fez seu orçamento de seis mil dólares, alegando que sua porta era eletrônica, toda especial, material de primeira qualidade.

- Tá bem, disse São Pedro. Vou ouvir a proposta do brasileiro.

- É, a porta está meio ruim, tá caindo de lado, dando cupim na madeira. E eu estou vendo quem é que faz o melhor preço e as melhores condições de trabalho pra mim.

O brasileiro olhou a porta, mediu, calculou tudo muito direitinho e falou:

- Tá bem, São Pedro. Eu faço o trabalho!

- E seu orçamento?

- Nada, São Pedro. Não é preciso. O senhor vai vendo meu serviço, gostando e depois a gente acerta o preço.

- Nada disso. Você tem que dar o seu orçamento. Aqui, eu só trabalho com orçamento. Não adianta...

Aí o brasileiro pensou, pensou e disse:

- Tá bem. Eu faço o serviço por nove mil dólares...

- Nove mil dólares? Tá doido! O português faz por três mil. O

americano faz uma porta eletrônica, com controle remoto, por seis mil e o senhor quer fazer uma porta comum por nove mil dólares?

Aí o brasileiro chamou São Pedro para um reservado, onde não tinha nenhum anjo escutando a conversa, e fez a seguinte proposta:

- O negócio é o seguinte. Dos nove mil o senhor fica com três mil, eu fico com três mil e a gente manda o português fazer a porta por três mil dólares. Combinado?

2. O Aeroporto da Portela de Sacavém, em Lisboa, estava cheio de brasileiros, recém-chegados. A fila de atendimento estava muito lenta. Então, um dos brasileiros dirige-se, em voz alta, ao chefe da Alfândega:

- Como' é, ó meu... Esta *fila* não anda?

- Cá, nós não chamamos *fila*. Cá nós chamamos *bicha*...

A demora continuava e a funcionária não tinha pressa em despachar o pesssoal. O brasileiro, já impaciente, não aguentou mais:

- Ó, meu! Essa *moça* não trabalha, não?

- Cá nós não chamamos *moça*. Cá nós chamamos *rapariga*.

- Ah!, é? E filho da p., como é que vocês chamam cá?

- Cá, nós não chamamos. Cá, eles chegam pela Varig...

3. Um brasileiro vai pela estrada, pára e vê outro que está a cavar com uma enxada, sentado no chão.

- Ei, você, aí! Tá trabalhando sentado?

- Pois é, meu chapa. Já experimentei deitado mas não dava jeito...

4. Lemas de alguns brasileiros:

- Mais vale morrer de frio do que trabalhar para aquecer...

- Mais vale uma mão inchada do que uma enxada na mão...

5. - Vocês sabem por que os brasileiros se levantam tão cedo pela manhã?

- É para estarem mais tempo sem fazer nada...

6. - O que é que fazem os brasileiros depois de terem trabalhado?

- Tiram as mãos dos bolsos...

7. - Qual é a diferença que há entre um brasileiro e um ovo?
- É que o ovo tem alguma coisa lá dentro...
8. - Como é que se diz brasileiro em russo?
- Soestorva (só estorva).
9. - Por que é que se pensou em mandar tropas brasileiras para o Golfo?
- Para acalmar a situação...
10. - O que é que parece uma lesma com um pirilampo na cabeça?
- Parece um brasileiro com idéias luminosas.

11. O Joaquim foi tentar a vida no Brasil e deixou, em sua aldeia natal, a Maria e dois filhos ainda pequenos. Com muito trabalho e pouco descanso, o Joaquim conseguiu juntar algum dinheiro e resolveu matar as saudades da *santa terrinha*. Quando chegou em sua aldeia, encontrou a Maria com mais um filho, o Zézinho, para a feitura do qual o Joaquim não tinha sido metido nem achado. Nada perguntou a Maria e nada lhe foi explicado. Para onde ía, levava o Zézinho e ninguém, na aldeia, teve coragem de fazer qualquer comentário.

Quando Joaquim resolveu voltar para o Brasil anunciou que o Zézinho também vinha com ele. O presidente da Junta de Freguesia (uma espécie de prefeito misturado com presidente da Câmara de Vereadores) e o padre foram ao Joaquim, querendo saber por que ele estava preterindo seus dois filhos em benefício do Zézinho, que nem seu filho era. E o Joaquim, com a maior das calmas, informou:

- Eu só vou levar o Zézinho, porque lugar de fdp mesmo é no Brasil!

12. Um *veado* brasileiro, fazendo a vida pelo Rossio, foi abordado por uma reportagem de rua da CIC (Canal de TV 33):

- O senhor é brasileiro? - perguntou o repórter.
- Soouu, siiim - respondeu a *boneca* toda dengosa.
- Se você não fosse homem, o senhor queria ser o que?
- Se eu não fosse homem, euu queriia ser uma ambulância, tá?
- Uma ambulância, por que? - insistiu o repórter.

para duas pessoas. E, finalmente, julgavam estar no Paraíso...

18. Estavam dois brasileiros a trabalhar. Um abria uma cova, um buraco e o outro tapava. E faziam isso sucessivamente. Passou pelo local um português e perguntou por que um cavava e o outro tapava os buracos. Então um dos brasileiros respondeu:

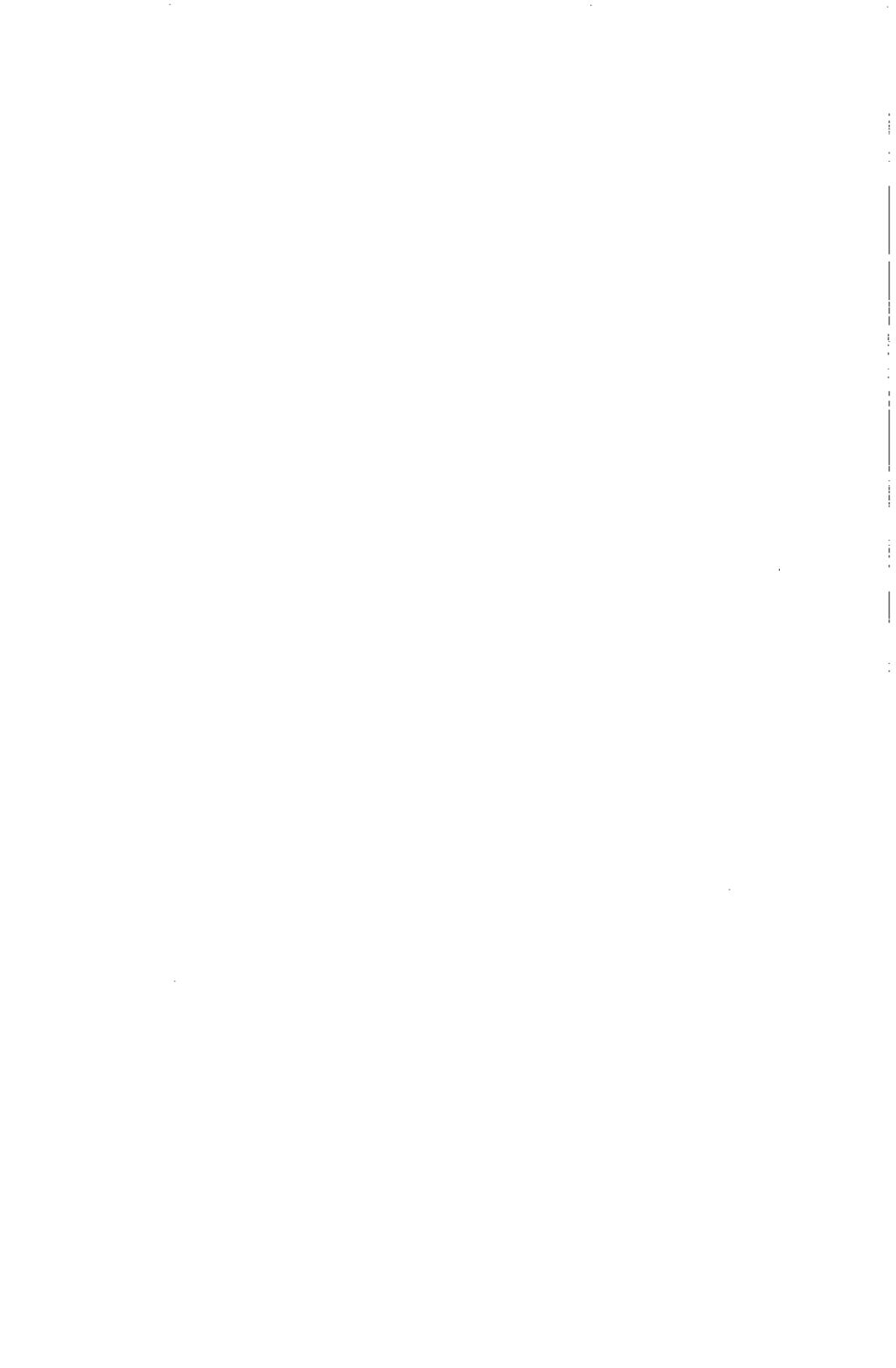
- É que o colega encarregado de botar os postes nos buracos não veio trabalhar hoje...

19. Tu sabes por que os brasileiros têm dois copos à mesa de cabeceira, um com água e o outro vazio? - perguntou um português ao outro.

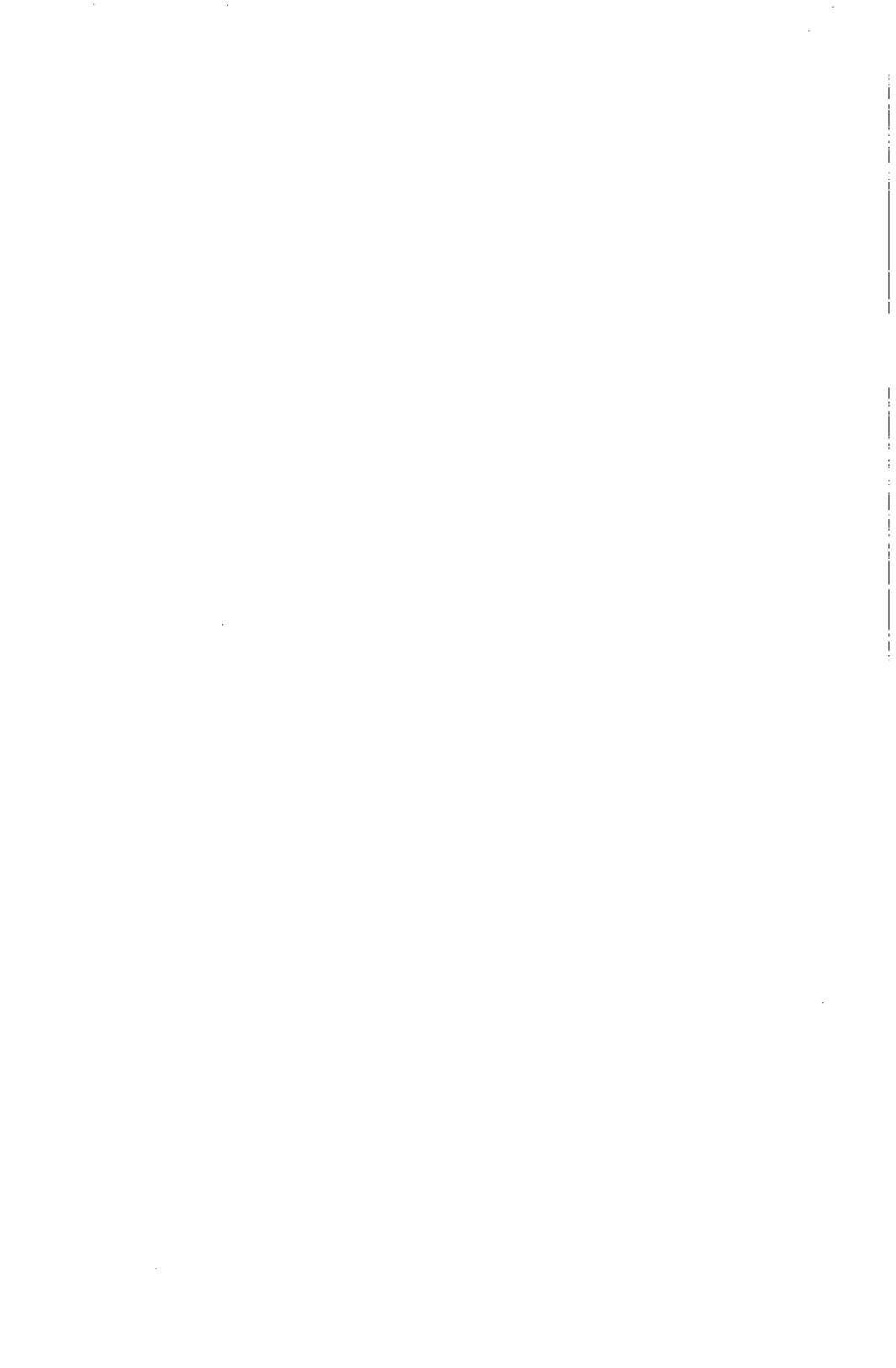
- Não sei, não ... - respondeu o amigo.

- É porque o copo cheio ele bebe quando tem sede e o vazio é para quando não tem sede...

20. Por força de um acordo luso-brasileiro os dois países decidiram enviar uma nave espacial à Lua. Então, para coordenar a operação, Portugal enviou dois macacos e o Brasil, dois brasileiros. A missão dos brasileiros era somente para alimentar os macacos e não mexer nos botões de comando...



depoimentos



cheirinhos de alecrim numa casa portuguesa, com certeza

Fátima Quintas
da Fundação Joaquim Nabuco

A Luíz Ignácio de Andrade Lima e a Irene de Queiróz
Andrade Lima - eternos amantes de Portugal.

Numa manhã pouco ensolarada cheguei a Portugal, carregando drummondianamente o sentimento do mundo e as saudades dos que ficavam. Tímida, acanhada, introspectiva, lançava-me numa façanha que até hoje nunca compreendi. Fui com o coração partido. Mas, fui. Se me perguntarem por quê, direi que o desejo de germinar novas sensações estimulou a ousadia do desconhecido. O meu ego se emulava ao conseguir tecer as quimeras de um quadro fantástico e irreal. Seria mesmo irreal? Acreditava em migrantes beija-flores, em precoces jasmims azuis, em reservas de emoção e sobretudo, em grandes e vulcânicas paixões. Carecia de alguma coisa que não se evidenciava no meu consciente. Na minha quase atlética energia, buscava o inexorável a plagiar Proust na procura de um tempo que ainda não era perdido. Por não querer perdê-lo, arrisquei. Talvez, aí, resida o maior e único impulso que me induziu ao êxtase do mistério. Urgia correr ao encontro do inopinadamente inusitado.

O avião aterrisou no Aeroporto Portela Sacavém com a leveza de um pássaro que pousa no seu ninho. O frio era pouco; o outono reinava; folhas a desprenderem-se dos galhos das árvores atapetavam o chão para mim inteiramente ignorado. Jovem, quase adolescente, trazia um espírito acentuado de aventura, mas, no íntimo, o medo de enfrentar sozinha rostos anônimos, pulsava com vigor a aspirar o caminho de volta. A vontade, entretanto, de desafiar os sóis crepusculares vencida os receios da menina imberbe de desencantos. A voz da aeromoça entoava a melodia da chegada. O sonho e a

realidade, orteguianamente circunstanciados, se confundiam num instante que jamais esquecerei e que representou um misto de euforia e de arrependimento. Nada podia eu fazer. Reverter a situação, impossível. Seguir em frente, a única opção. Fui levada por uma ventania de contradições. Às ambigüidades somavam-se outras interrogações. Tentei mistificar as inseguranças. Não sei se fiz bem. Porém, naquele momento, restavam-me acalentar fantasias que deveriam ser alimentadas como o fermento do advir. Alimentei-as. Não faltaram ilusões. Delas dependeria o ânimo de prosseguir. Enfim, estava eu em Lisboa, longe, bem longe dos aconchegos uterinos e familiares.

Os saguões do aeroporto multiplicavam-se em idas e vindas. Gente por toda parte. Os grupos de turistas refletiam fisionomias ansiosas. Alguns, sentados à espera de vôos; outros, inquietos, aguardando amigos para a despedida; eu, solitária, completamente perdida, sem saber que direção tomar. Carimbei o passaporte, passei na alfândega, recolhi as malas e, então, decidi apanhar um táxi. Não havia ninguém esperando-me. Cobicei um rosto amigo. Pela primeira vez, senti a solidão física, aquela materializada na ausência completa, na fria e pálida aragem do isolamento imposto. Chorei. Mas, ninguém sequer se apercebeu. Quem era eu para despertar atenção? Um abismo intransponível se alevantava. Acometeu-me o desespero dos abandonados. Vivi muitas emoções; entretanto, aquela era diferente e pesava como um chumbo, além do que o meu corpo imaginaria suportar. Respirei fundo e abri uma janela à claridade. Olhei para todos os cantos. A palavra solidão emperrava a esperança como um pêndulo à deriva. Sentei numa dessas assépticas fileiras de cadeiras que parecem ordenadas com o perverso objetivo de reduzir a individualidade e fomentar visões massificadoras. Em mim, apoderou-se um aniquilamento que enturvou a vista. Reagi. Era preciso somar forças para desvendar o caminho. Levantei-me e adquiri uma auto-estima que não fazia parte da minha personalidade. Os mecanismos de defesa a floravam e, mais do que nunca, acolhi otimismo com a garra desmedida de uma perdedora. O jogo apenas se iniciava. E mais do que nunca os horizontes contraditoriamente se apresentavam sedutores.

Levava vários endereços de hotéis. O chauffeur estranhamente não os identificou. Fiquei perplexa e os medos se robusteciam.

Restava-me um único endereço: o de uma senhora, D. Emília, que alugava quartos numa “república” de estudantes. Rua da Indústria, 39, 1º esquerdo. Por coincidência, o motorista morava perto e conhecia a direção. No caminho, explicou-me a sua dificuldade em se orientar na cidade: era da província - do interior-, e pediu-me muitas desculpas pela ineficiência como profissional de táxi. Entendi, mas confesso que não gostei. Meu pai, preocupado com a viagem, muito recomendou para não me instalar, pelo menos no início da estada, em “repúblicas”, o que se compreendia pelo estereótipo que no Brasil o nome carregava e ainda carrega. A vida quis assim. Reservava-me um encontro que só mais tarde viria a entender. Um encontro que me fez viver em Lisboa 6 anos. Um encontro de amor.

Às sete horas da manhã, acionava a campainha da casa de D. Emília. Vestia uma minissaia bem exagerada, de xadrez branco e preto, acompanhada de blazer do mesmo tecido e blusa vermelha. Face rosada, cabelos estaqueados, cortinhos à moda pajem, trazia a fragilidade de quem já cultivava saudades. E eram muitas. Acudia-me a sensação de orfandade. Naquele momento, deparei-me com a desagradável condição de estrangeira, a que jamais escolhi. Mais tarde, a caminhada me ensinaria a solidarizar-me com outros estrangeiros, sempre assustados, à primeira vista, com o impacto de culturas diferentes. Depois, com o passar da tristeza, as tensões acumuladas se encarregam de transformar o próprio impacto em nuances de exotismo que pluralizam o aprendizado da vida. A riqueza de contactos acomoda as diferenças que vão se equacionando no quotidiano de alegrias e de nostalgias. Os sentimentos se inter cruzam em emoções múltiplas.

De menina à maturidade, atravessei longas estradas nas belezas de Alfama e Mouraria. Da Feira da Ladra ao Museu dos Coches, andei e deambulei entre estações, sentindo frio ou calor, mas guarnecida de lembranças que nunca se apagarão. A Torre do Tombo, ao pé do Tejo, visitei e revisei a receber no corpo o vento sensual de mares nunca dantes navegados. Do outro lado, aquém do Atlântico, se alojava o mistério de preservar o passado, há muito embrenhado em mim mesma. Nada ficou por aí. Os instantes se reprisavam numa travessia que apenas idealizava. Fui e voltei, todos os dias. Noites invernosas, amanheceres primaveris, sóis luminosos, nuvens escuras percorreram os corredores da minha solidão em busca de recordações

infantis. E encontrei-as. Como sempre as encontro. Aqui ou alhures, há pedaços de mim espalhados por toda a parte. Ainda bem. Só assim sei que existo em plenitude. Onde estive ou onde estou, nunca sei. Algum dia aprenderei o nome da rua onde moro. Em Portugal ou em Casa Forte.

A porta se abriu. À minha frente, um belo homem. Alto, esguio. barba caprichada, porte heráldico, olhar triste a esconder enigmas que me fascinaram. Surpresa, mais do que isto, extasiada, fitei-o quase desnudando a sua alma. Minutos se passaram. Nada foi dito ou, melhor, tudo foi dito. Entrei em silêncio. Parecia que já conhecia a sala, os móveis, o quarto. D. Emília, uma senhora gorducha, coberta por uma energia inflamável, avermelhada, com o jeito típico de hipertensa, apressadíssima, a reclamar as horas que em vão fluem, aproximou-se e disse com uma franqueza que me chocou: “Que rapariga gira do rabo grande”. Fiquei pálida, sem ação, e imediatamente mergulhei nas recomendações de meu pai. Onde estaria eu? Que pecado estaria cometendo? A culpa de infringir as suas ordens patenteava-se em fatos que me roubavam a paz. As dúvidas cercaram os medos e já não tinha discernimento para escolher. Refleti e estanquei qualquer arroubo de virtude fora de hora. Convinha aguardar o amanhã. E assim, com prudência e com calma, consegui amainar as inquietações que, seguramente, efervesciam dentro de mim.

Os olhos tristes do homem levaram-me a conhecer a cidade. Descobri palmo a palmo as alcovas lisboetas. Os regalos aconteceram, tão de repente, que tive a impressão de acumpliciar os deuses no manjar da Ceia Larga: Amália Rodrigues, afinando as tascas tradicionais; o vinho tinto, em canecas de loiça efusivas de esperanças; os manjericões verdejantes, a distribuir sorte nas cálidas madrugadas de verão; ruas estreitas, refrões entoados, varandas mouriscas; sardinhas assadas, pimentões na brasa, bacalhau à Braz ou à Gomes de Sá... O Rossio, mágico de flores, acolhendo pombos que comiam nas minhas mãos migalhas de pão. A Pastelaria Suíça, com mesinhas e cadeiras nas esplanadas, cantava e decantava o ritmo de alemães, franceses, italianos, espanhóis, ingleses... inebriados pelo carisma do seu verde toldo cosmopolita. Os Restauradores a alcamar a Av. da Liberdade com honras e glórias de um país reoxigenado pela liberdade.

As touradas simbólicas, que aconteciam às quintas-feiras na grande Praça dos Touros, coreografavam um balé harmônico repleto

de olés. As pegas, um desafio à coragem, ofertavam ao ritual uma característica ímpar que as diferenciava dos espetáculos espanhóis - 12 homens enfileirados se entregavam ao touro de peito aberto, numa competição igual a exibir a espontaneidade de jovens virtuosos no desafiar da própria virilidade. O entusiasmo era tanto, que a arena se transformava num espetáculo bonito, sem sangue, sem choros e sem desafetos. Idiomas diferentes, risos generosos, brados de triunfo espocavam das arquibancadas. Alí estava o povo português, mimetizado em cenas aparentemente explícitas e profundamente ricas de segredos. O touro vivo, vitorioso. O homem, igualmente vivo, ainda mais vitorioso. Quantas sublimações se camuflavam nas capas reluzentes dos heróis da arena!

Rua Augusta, miragens vespertinas. Mulheres bonitas, maquiadas com singeleza, cabelos longos, desfilavam pelo passeio - calçada. Pouco liberadas em ações rotineiras, imbuídas de papéis definidos por uma sociedade extremamente machista, paramentavam-se de trajes formais, de cores escuras, de preferência negra. Faziam questão de imprimir uma certa distância digna da aristocracia decadente. À medida que percebiam a minha nacionalidade as máscaras iam desabando. É mais fácil desnudar-se para o estranho, alguém de passagem que não ameaça a integridade dos valores recebidos. Eu representava o outro lado da moeda, um Brasil supostamente livre de preconceitos, principalmente sexuais. A mulher brasileira traz o escudo da liberalidade. Com a sua ginga, vence os obstáculos da coerção social, tão clarividentes nos veios portugueses. Mais exuberante, pródiga em gesticulação, sedutora nas verbalizações, a brasileira carrega alguns duendes que a mitificam no junguiano consciente coletivo. É interessante observar que os modelos se postavam mais ortodoxos quando dialetizados dentro da concha "endogâmica", isto é, dentro da teia relacional lusitana, admitindo exceções noutras instâncias. Obedecendo rigorosamente às regras preconcebidas, pude captar os liames da sociedade, embora, algumas vezes desvirtuasse a expectativa desejada. À mulher brasileira cabem-lhe maiores trunfos ou, pelo menos, concedem-se permissões poucas vezes admitidas às nativas. A cada passo, uma nova descoberta. Sabia-me bem desvalar os bastidores. Adiante no garimpar de sigilos. Sempre fui uma entusiasmada pelo implícito. A sedução de desbravá-los atraía-me, sobremaneira.

A Baixa, como é chamado o centro da cidade consubstanciava uma passarela de idas e vindas, onde a surpresa assaltava-me com assídua freqüência. As belas montras (vitrines) arrumavam a moda quase sempre tradicional. Tons neutros complementavam o guarda-fato (guarda-roupa) a preservar cuidadosamente os parâmetros da discrição. Uma vez por semana, descia calmamente o Chiado, a Rua do Carmo, a Garret e terminava sempre no café dos intelectuais, já próximo à Praça de Camões carregada de uma bucólica paisagem, conhecida pela Embaixada do Brasil, ali instalada.

O sotaque pessoalizava a minha identidade. Diziam que cantava as palavras e que havia musicalidade em tudo que pronunciava. Até ai concordo. Diferença semelhante remetia ao vocabulário. Certa ocasião, entrei numa papelaria e pedi *durex*. Responderam: “aqui nós não vendemos, oferecemos gratuitamente”. Compreendi que a linguagem era diferente e resolvi buscar o termo correto (fita adesiva). Afinal, por *durex*, entendiam-se metáforas eróticas. Confusões se davam nas filas de ônibus (bichas de autocarro). A bicha está grande, a bicha está pequena. E assim o meu imaginário cosmogônico se misturava a uma outra dimensão cultural. Um de meus amigos portugueses, um dileto amigo, levou uma surra violenta porque disse em Copacabana que a bicha estava imensa. Pobre José. Com certeza aprendeu com sangue, como diz o espanhol - la letra com sangre entra -, para sempre a palavra que também demorei a internalizar.

Rabo (ancas), rapariga (moça), gira (bacana), à nora (aperreado), sebenta (apostila), com os copos (bêbado), com a boca a saber a papel de música (com ressaca de bebida), não tem ponta por onde se pegue (não serve para nada), estou-me nas tintas para isto (não estou ligando para isto), talho (açougue), lugar (estabelecimento que vende frutas e legumes), galão (copo de leite com café), bica (café forte), carioca (café fraco), prego (sanduíche de carne), fato (roupa), guarda-fato (guarda-roupa), camisola (pullover), tarau (pessoa arrebitada que vence os obstáculos facilmente), tarte (torta), tremoços (aperitivo que acompanha a cerveja), tíbia (bolo com chantily que imita uma tibia), pastéis de Belém (pastéis de nata do Bairro de Belém, onde se encontra o clássico Clube de Futebol os Belenenses, e famoso por esta iguaria), ando com a cabeça à razão de juro (ando arrasado), carrinho de linha (carretel), fazer o gostinho a dedo (fazer uma coisa que gosta muito e que nunca faz), à laia (no lugar de),

chapéu de chuva (guarda-chuva), uma treta (uma besteira), estou engalinhado (estou encucado), sacudir a água do capote (retirar responsabilidade), houve mosquitos por cordas (confusão violenta), é pilulas (é tolo), ficar no meio de quatro tabuinhas (morrer), tem uma volta na ponta (tem dois V), batata a preço da chuva (barata), chegar em pezinhos de lã (sem fazer barulho ou sem querer nada e conseguindo tudo), uma conversa de rodriguilhos (conversa cheia de rodeios), à rasca (aperreado), morada (endereço), fulano tem chalaça (tem graça) abrir a porta aos deriços (aos namorados), catita da vida (feliz da vida), com tudo à vela (com tudo à mostra, isto é uma gaita (é uma chateação), não sabe puto (não sabe nada), assoalhadas (divisões da casa), paineleiro (fresco), fato de banho (calção de praia), peúgas (meias), miúdos (crianças), lençol de banho (toalha de banho), carro elétrico (bonde), estrugido (refugado), chegar a roupa ao pelo (dar uma surra), garoto (café com leite em xícara pequena), almoçadeira (xícara grande), parolo (matuto), dar o litro (dar tudo que pode), golo (gol), frasco (feia), pernas de Guimarães (pernas finas), mulher de três assobios (mulher bonita), taréia (surra), e aí, chapéu (e aí, nada aconteceu... são “conotações de linguagem” que denotam algumas dificuldades para o brasileiro no dia-a-dia vocabular. Infelizmente não posso aqui anotar todas elas. Com o meu vício de pesquisadora, recolhi uma média de 1.500 expressões idiomáticas significativas de uma realidade linguística que, apesar de portuguesa, em muito difere do léxico rotineiro do Brasil.

De todas as expressões - circunlóquios, mimetismos, dêiticos, onomatopéias, frases de efeito, ditados, locuções adverbiais e proporcionais - há uma “gíria” que me comoveu de maneira especial, principalmente quando escrita pela primeira vez pelo homem amado: chi coração (abraço). Ainda hoje guardo o bilhete que terminava com esta reverência de ternura. Há em mim saudades que agradam a memória a celebrar o canto angelical do canário-do-império trinando nas auroras excitantes.

São tantas as recordações!... A criança que ensinei a escrever e que se encantava com a minha pronúncia, acabando por adotar uma doce linguagem que jamais agradou aos pais, anchos de lusitanidade. Com os olhos mariscados, comunicou-me: “não posso mais estudar, a senhora fala diferente e mamãe acha que eu estou falando brasileiro”. Seu rosto triste derramava uma lágrima que se reproduz nítida no

espelho de Portugal. Muitas outras, com certeza viriam; não com a brasileira que fracassou na sua vocação professoral. Com a vida, tão vulnerável a derrotas.

De D. Emília me despedi e fui morar em duas casas adiante, agora com D. Eugênia. Eram amigas e possuíam personalidades muito semelhantes. Labutavam do raiar do dia ao anoitecer. Cozinham, lavavam roupa, limpavam a casa, cerziam calças e saias envelhecidas, alimentavam a despensa com todas as necessidades domésticas, varriam, exauriam-se nos afazeres do lar. Amavam pouco. Não tinham tempo. As horas lhes consumiam a libido numa quotidianidade perversa. O ócio saudável e edificador de idéias se revestia de interditos, pouco desfrutado por aquela população feminina. Trabalhavam como mouras. Uma vida dura. Aliás, duríssima. Chamava-me a atenção a monótona labuta destas mulheres de classe média baixa. Prazeres, nenhum. Deveres, todos. O lazer não existia. Raramente se permitiam diversões. O dinheiro, pouco acudia às despesas imprescindíveis. D Eugênia era casada com Sr. José, um pequeno proprietário de um estabelecimento de vendas de gêneros alimentícios. Bonita, porém completamente desleixada, nunca a vi cuidar de si mesma. Comia muito. Adorava bacalhau e, aos domingos, a mesa se exibia abundante em guloseimas. Só uma fartura se admitia, a da comida. O resto resumia-se a privações que se associavam à cadência do conformismo. Tanto D. Eugênia como D. Emília aceitavam passivamente a sua ignorância, não obstante exercerem um tipo original de matriarcado: em casa berravam, falavam alto, donas absoluta do poder do grito. Assumiam a empáfia do mando, através de um explícito porte de arrogância. Ledo engano. O homem, mais dócil e menos agressivo, manejava todas as decisões com habilidade política. Não se afobava com frequência, mas impunha a última palavra. E no silêncio do poder, fazia o que queria, sem estardalhaços circences, comuns à personalidade feminina. As varinas são exemplos típicos de comportamentos histriônicos, dosados de um caráter latino e gestaticamente sanguíneo. No fundo, as mulheres arquejavam uma submissão que não suportavam admitir. Um fado carregado que se misturava a outros fados cantados nas tascas noturnas. Todos, com sabor amargo de tragédia e de desespero. O trágico se entranha epidermicamente à alma portuguesa. É um sentimento que permeia o imaginário do povo, quase a reclamar a sua permanência. O fado, canção portuguesa mundialmente aclamada, explora estes arroubos afetivos, considerados nobres e honrosos. Nas mínimas nuances, detectam-se os matizes do drama. Um drama que se revivifica na emblemática construção da vida e da morte.

Há, todavia, um saudosismo aliado a um passado glorioso milimetricamente cultuado. Chega a ser belo o amor à tradição, à história, ao que já se foi. As raízes desabrocham em tenra idade, quando a infância pulula nas veias das crianças. É preciso homenagear o tempo numa simbiose perfeita de simultaneidades, a evocar o tempo trífido gilbertiano. A fusão de épocas acontece na exaltação de passados, presentes e futuros. As reservas do passado são revigoradas em tempos que não se findam. Nada mais lógico que enaltecê-los numa lição de heroísmo e de orgulho. Até porque o hoje é pobre em horizontes. Viver de memórias pode minimizar a saga de um presente monotonamente percorrido, principalmente para a mulher, cúmplice de uma jornada melancólica.

D. Emília, D. Eugênia, evocações que ficaram. Portugal, ameio por inteiro. Bragança, Porto, Braga, Covilhã, Aveiro, Santarém, Leiria, Figueira da Foz, Póvoa do Varzim, Alcobaça, Serra do Buçaco, Óbidos, Batalha, Fátima, Santa Comba Dão, Albufeira, Vila Real, Faro, Évora, Viseu, Tondela, Tonda... Pedacinhos de terra que visitei lentamente. Do norte ao sul, do leste ao oeste, cascavilhei maravilhosas glebas. Procurei minhas reminiscências com o vigor da juventude. Na quinta ou na cidade, remexi nos porões de antigamente certa de me defrontar com os meus atavismos, tão saudáveis quanto longínquos. Atenta, nada passou despercebido. Nem mesmo a rosa que olhei longas tardes nos jardins do Parque Eduardo VII. Lá permanece intacta a me vigiar no além-mar.

O outono trouxe-me profundas alegrias. Com seu ar de desprendimento, arrebatou o medo da menina sardenta que solitariamente se sentia estrangeira. Do táxi à Rua da Indústria, o destino lhe acalentou portos de esperanças. Destino ou coincidência? Não sei explicar. Fatos que transpõem as barreiras da minha racionalidade, mas não da minha intuição, tão eivada de fecundas percepções. O homem alto, belo, nobre, me convidou para sair. Na primeira noite. No primeiro momento. Na primeira emoção. Alguma coisa se construía naquela manhã aparentemente fugaz. As mãos se encontram num afago duradouro. Longos carinhos se prolongaram nas noites dos namorados. A gostosa caldeirada, servida no primeiro almoço, não terminou. A saia curta, expondo a jovialidade de um corpo soberbo de entusiasmo, permaneceu alvoradas afora. O sangue, correndo nas veias de quem nunca vislumbrou decepções, embalou infinitos sonhos.

À noite, o ramalhete de delicadas orquídeas brancas sobre a

minha cabeceira. O silêncio de palavras e a efusão de gestos. O que mais poderia eu almejar naquela chegada triunfal? Conheci a felicidade com muita rapidez. E os medos progressivamente se solidarizavam, proporcionais à sedução de tantos mimos: aumentaram. E aumentaram. E aumentaram. E o amor também.

Na Rua da Prata, a aliança de ouro. As mãos tão longilíneas e delgadas que o relojoeiro disse: “não existem anéis de compromisso para dedos de criança”. Encomendado sob medida. Com a precisa exatidão que os grandes encontros merecem. Eu, pequenina. Ele, apolíneo na sua meiga altivez. De uma beleza ingênua, impecável na elegância, cativo de regras de etiqueta, um lorde a suscitar ternuras maternas.

Castelo de São Jorge, uma mera visita crepuscular; do alto de uma colina, a decisão de permanecer em Portugal. Ao meu redor, turistas passeavam. A clarividência da paisagem se confundia com o cartão postal que o escandinavo selecionava para oferecer à mulher. Depois, o menino italiano, a decifrar as ruínas das muralhas; a moça, arredia e desajeitada, a perguntar que direção tomar para chegar a Cascais... Na tarde de domingo, a caminhada ritualística pela perimetral que leva a Estoril. O Cassino, os bares nas calçadas apinhados de mesas, de chopes, de lanches. Cabelos loiros, pretos, ruivos. Nacionalidades nórdicas, tropicais, mediterrâneas. As mais variadas faces na pintura de um céu límpido de nuvens. O céu de Cascais, convidativo aos pares de namorados.

O casamento, a residência, a estada prolongada. Rua Luís de Camões, Amoreiras, São João Nepomuceno, Campos D’Ourique, Avenida de Roma. Por lá morei. Da lareira da sala ao frio da Serra da Estrela, reacendi a chama da felicidade. Em Tonda, Pasárgada de inúmeros devaneios, escondi a boneca que havia perdido no engenho de Pernambuco. Um dia, irei buscá-la, não sei quando!... Até lá, evocarei os instantes, as emoções, os amores que se perenizam em palavras quase mágicas de um Portugal querido, povoado por cheirinhos de alecrim e promessas de beijos.

Casa-Grande das Ubaias
Recife, 25 de fevereiro de 1994.

portugal, brasil e eu

José Constantino Ferreira Maia (*)

A minha vinda para o Brasil, em março de 1960, está ligada a dois fatores principais: por um lado, a quase nenhuma possibilidade de progresso material que então Portugal apresentava e, por outro lado, a presença no Brasil, mais precisamente no Recife, de um expressivo número de familiares, aqui radicados há muitos anos. Emigrei, pois, com meus pais e irmãos para tentarmos construir no Brasil um futuro que, na terra natal e naquele tempo, tinha pequenas perspectivas de êxito.

O Portugal que deixei se, sob o aspecto econômico, estava limitadíssimo, sob o ponto de vista social, apresentava-se compartimentado, segmentado, sem mobilidade social: quem era pobre ficava pobre, quem era classe média tendia a baixar, quem era rico continuava cada vez mais rico. Sob o ângulo político, havia sim, nitidez; o regime policaiesco seguia claramente uma política unitarista, de partido único. Lembro-me bem que no livro oficial das primeiras letras, onde aprendi a ler, havia uma página para cada vogal e para cada consoante; a cada letra correspondia um desenho ilustrativo: a - amora, d - dado, g - gato e na letra “s”, tinha o desenho de um braço jovem, em saudação paramilitar e a mensagem “Salve, salve, Salazar, Salazar”. Mas, apesar de nascido e criado nesse regime, sem ter vivenciado outras experiências políticas, e acostumado a ouvir, por toda a parte e sempre, a sentença de que “manda quem pode e obedece quem deve”, ansiava no verdor dos meus vinte anos por conhecer a realidade brasileira. A campanha eleitoral que, em

Portugal, se desenvolvia para tentar levar à Presidência da República o General Humberto Delegado, já me fez observar os métodos nada serenos que um regime de partido único utilizava para se perpetuar.

Por isso, uma de minhas primeiras curiosidades aqui situou-se precisamente na campanha eleitoral que, no Brasil, opunha o Marechal Lott e Jânio Quadros. Eu trabalhava então numa casa comercial da Rua Nova, no Recife e, após o expediente, ficava na Avenida Guararapes, em frente à Sertã, onde havia comícios quase todas as noites. Recordo, por exemplo, de um popular que aparteou Amaral Neto e foi vaiado pelos que assistiam ao comício; então o orador convidou o aparteante para subir no palanque e passou-lhe o microfone para que ele dissesse, alto e em bom som, das razões de sua discordância. Outro episódio, que se gravou em meu espírito, foi uma entrevista, na TV Jornal do Commercio, que tinha como entrevistado o Presidente Juscelino. Naquele jeito provocativo que o caracterizava, Hélio Polito insinuou desonestidades no governo de JK e terminou por perguntar brusca e secamente: "Presidente, o Sr. é ladrão?". Eu tremi, imaginando a intervenção da polícia para tirar a emissora do ar e levar preso o jornalista, mas nada disso aconteceu. Juscelino sorriu e disse com a maior clareza e com absoluta tranquilidade: "Agradeço ao vibrante jornalista a oportunidade que me dá de oferecer ao público pernambucano meus esclarecimentos..." e continuou falando convictamente, expondo argumentos, desfazendo equívocos, falando as suas verdades.

A democracia política do Governo Juscelino foi um de meus primeiros deslumbramentos no Brasil.

Um outro aspecto marcante para o jovem que eu era, foi a informalidade encontrada no Brasil, informalidade não somente social, mas que também se espraiava nas relações de trabalho, nos momentos de lazer, nos acontecimentos culturais. Para quem chegara da Europa formal, esta informalidade criadora deixava-me verdadeiramente atordoado, no bom sentido.

A democracia social foi outro de meus deslumbramentos no Brasil.

Seria impossível num breve testemunho como este resumir o que significou e ainda significa o Brasil para mim. Tentarei sintetizar de forma singela, afirmando que o Brasil me deu oportunidades e ensinou lições. Oportunidades de conciliar trabalho e estudo

universitário, oportunidades de subir degraus na escala social - o que era impossível, impensável mesmo, no Portugal de minha infância. Lições também aprendi e a melhor foi a do exercício diário da tolerância - aprendi definitivamente que melhor e mais importante que viver, é conviver.

Ao Brasil generoso, acolhedor, alegre, espontâneo, procuro retribuir o muito recebido; tenho consciência da minha condição portuguesa mas sinto-me aqui um “quase nacional”, para usar a lição do saudoso professor Barreto Campelo. Sou hoje um lusobrasileiro, o que é simples e ao mesmo tempo complexo, pois que, nascido em Portugal, sou pai e avô de brasileiros, que me faz, no Brasil, desejar passar férias em Portugal e, lá chegado, após uma ou duas semanas, contar os dias que faltam para voltar ao Brasil. Neste desdobramento não deixo de ser o que Gilberto Freyre demonstrou toda a vida: um luso que se adaptou ao trópico. Vim para ficar, liguei-me por afeição e bem querer, trouxe língua, crença, hábitos, conhecimentos, e aqui temperei tudo quanto trouxe ao sol muito forte do Brasil.

Aqui, criei uma família, construí uma carreira, vivi a maior parte da vida. E, se não esqueço Portugal, devo confessar, por honestidade comigo mesmo, que é o Brasil que hoje me emociona. Fico feliz com os seus sucessos e vitórias, sofro com seus desajustes e injustiças. Ao Brasil devo, por paradoxal que possa parecer, o orgulho mais legítimo de ser português. Quando vejo no Brasil a ausência de preconceitos, a aculturação de nossos hábitos e costumes, a preponderância da crença cristã e, principalmente, quando assisto o Brasil inteiro, até mesmo seus índios e rurícolas mais isolados, a falar aquela mesma língua que eu aprendi criança ainda, na minha aldeia, sinto uma grande emoção e um orgulho sadio de haver nascido em Portugal.

(*) José Constantino Ferreira Maia, nasceu em 1938, na Vila do Conde, Portugal. É administrador de empresas e advogado militante. Residiu no Recife e em Maceió e atualmente exerce suas atividades profissionais em Belém do Pará. Foi diretor de várias associações portuguesas no Recife, inclusive do Gabinete Português de Leitura e Clube Português. Colabora na imprensa portuguesa.

bibliografia



COSTINHA (Lírio Costa). *Piadinhas do Costinha - rápidas e rasteiras*. São Paulo: Nova Sampa, s/d.

COSTINHA (Lírio Costa). *Piadinhas do Costinha - curtas e grossas*. São Paulo: Nova Sampa, s/d.

COSTINHA (Lírio Costa). *Piadinhas do Costinha (nº 5)*. São Paulo: Nova Sampa, s/d.

COSTINHA (Lírio Costa). *As melhores do Costinha*. São Paulo: Nova Sampa, s/d.

KOIFMAN, Henrique, Juca Chaves, O menestrel da Boa Vida. *Ele & Ela*, Rio de Janeiro, nº 299, junho, 1994.

GOLDKORN, Roberto. *As melhores piadas de portugueses*. São Paulo: Global Editora, 1979.

SAMUMOR, Laert. *Mil piadas do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Estação Liberdade, 1993.

VIEIRA, Padre Antônio. *O jumento nosso irmão* (1º vol.). Fortaleza, 1993.

GUENES, Duda. A verdadeira história da arca de Noé. *Jornal do Commercio*, Recife, 29 nov. 1993.

REIS, Ney e Martins, Valéria. João Ubaldo Ribeiro. Um livro, um uísque, uma boa conversa. *Ele & Ela*, Rio de Janeiro, nº 289:6-12, ago., 1993.

SARAIVA, Arnaldo. Uma anedota de brasileiros. *Diário de Notícias*, Lisboa, 21 jun. 1994, p. 8

Agradeço a colaboração de Fátima Quintas (Recife), Luís Luna (Rio de Janeiro), Antônio Vieira - padre (Fortaleza), José Constantino Ferreira Maia (Belém), Carlos Alves da Costa (Vila do Conde, Portugal), Cáscia Frade (Rio de Janeiro), Fernanda Macruz (do Museu Rossini Tavares de Lima, São Paulo), Arnaldo Saraiva (Porto, Portugal), Semira Adler (Recife), Rosa Martins (Recife), Germano Ferreira (São Paulo), Antônio Loureiro (Vila do Conde, Portugal) e demais pessoas que contribuíram com anedotas e histórias de brasileiros e portugueses.

Impresso na Recife Gráfica Editora S/A
em setembro de 1995.

300 anos do nascimento de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão;
170 anos do falecimento de frei Caneca
(Joaquim do Amor Divino Caneca)
e da fundação do Diário de Pernambuco;
sesquicentenário do nascimento do
Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos)
e de Eça de Queiroz; 100 anos do cinema;
centenário do nascimento do poeta Ascenso Ferreira
e da morte do jornalista José Maria de Albuquerque Melo;
95 anos do nascimento de Gilberto Freyre;
85 anos do falecimento de Joaquim Nabuco;
cinquentenário do falecimento do acadêmico Demócrito de
Souza Filho e do escritor Mário de Andrade.

